

B. N. L.

18886

H.-G.

BÁZILIO TELLES

O nó dos Balkans



Livraria e Imprensa
O civilização

28, Rua da ... 77
PORTO

1916

LIVRARIA MOREIRA
(EDITORA)

Praça da Liberdade, 44
PORTO

BRITISH LIBRARY

O no dos Balkans

BRITISH LIBRARY

1974

U.S.
18886

200

O NÓ DOS BALKANS

A guerra e a guerra de 1914
A Inglaterra francesa
A Inglaterra francesa
A Inglaterra e guerra de 1914



Composição e impressão
IMPRENSA CIVILIZAÇÃO
54, Trav. de Cedofeita, 56
Pôrto. _____

A SEGUIR:

A França e a guerra de 70.

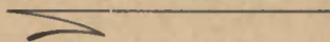
A Inglaterra pacifista.

O imperialismo germânico.

Campanha e questão do Oriente.



BÁZILIO TELLES



O nó dos Balkans



Livraria MOREIRA
Civilização
10, Rua das Oliveiras, 79
PORTO

1916

LIVRARIA MOREIRA
(EDITORA)

Praça da Liberdade, 44

PORTO



Sérvia é a nação das crises e dos attentados políticos, — desde o assassinato de Kara-Jorge, seu primeiro chefe nacional contra o domínio da Turquia, por ordem de Miloch Obrenovitch, a quem o sultão reconheceu (em 1820), sob condição de lhe pagar um tributo, como «príncipe dos Sérvios do pachalik de Belgrado», até ao crime de Serejevo em julho do anno passado (1914), óptimo pretexto, senão motivo determinante, do actual conflicto entre as Potências. A massa da sua população era formada quasi só por camponezes, creadores de porcos e cultivadores de milho e trigo. Os ricos mercadores d'estes porcos e os militares que tinham servido no exército austríaco, e raro iriam além do posto de sargento, tão ignorantes e grosseiros como o resto dos seus compatriotas, eram as pessoas notaveis do paiz. O maior impulso á civilisação da Sérvia foi dado pelo rei Milan, de quem se occupou em tempo muito o noticiário dos jornaes, incluindo os portuguezes.

Com o assassinato de seu filho Alexandre e da rainha Draga em 1903 (a «tragédia de Belgrado», que está na memória de todos), a influência austríaca na Sérvia, já comprometida pela ocupação da Bósnia e da Herzegovina, cessou por completo. O attentado de Serajevo nada mais foi que um episódio na história da mútua antipathia que se consagram Austriacos e Sérvios desde 1878, quando no Congresso de Berlim as Potências auctorisavam aquella occupação. Se o mais rudimentar espírito d'equidade, em logar da cubiça e da ambição, presidisse ás relações recíprocas dos povos, parece que a todas as Potências então deliberantes, e não apenas ao império austro-húngaro, deviam os Sérvios attribuir a responsabilidade do mallogro da sua aspiração em constituir uma «Grande-Sérvia» desde o Danúbio ao Adriático, inglobando pois a Bósnia, a Herzegovina e a Dalmácia. Mas, como as sympathias e antipathias nacionaes não vêem mais, em regra, do que o motivo immediato que as provoca e as entretém, a Áustria tornou-se, naturalmente, o objecto exclusivo da animosidade do pequeno Estado seu visinho. A Sérvia não queria recordar a collaboração da intelligência e do capital austriacos na obra do seu desinvolvimento material, commercio e communicações principalmente, e até mesmo da sua instrucção, bem como o apoio importantíssimo, embora apenas indirecto, que da Áustria recebera n'essa outra obra, ainda mais inestimavel, de reivindicação da sua independência; nem attender á circumstância de que nenhum perigo d'esse lado a tinha ameaçado, pelo menos até ao estalar da presente guerra, n'esta independência politica e na sua integridade territorial, conforme as Potências lh'as têm reconhecido; nem reparar em que o paren-

tesco das populações, se poderia ser invocado por ella para a integração da Bósnia e da Herzegovina, difficilmente era razão admissivel para a Dalmácia, onde a influencia social slavónica não sobrepuja, decerto, á italiana.

Porque não detestará tambem a Grécia, que ha pouco lhe veio cortar o accesso ao mar Egeu com a sua occupação d'uma larga zona do littoral, desde a Thessália até ao estreito de Thasos? Por ser esta uma orla marítima em que as populações d'origem, ou de língua grega preponderam, e á qual por conseguinte a julgava com direito melhor que o seu? N'esse caso, devia equitativamente renunciar a toda a costa da Dalmácia, onde, sem dúvida, as populações d'origem, ou de língua italiana predominam, socialmente senão pelo número, sobre os Slavos camponezes. E' mesmo provavel que tenham ahí maior preponderância do que os Gregos na Macedónia marítima, onde se acotovellam, ou acotovellavam ha pouco, Slavos, Búlgaros e Turcos. Longe porém de a detestar, existe entre ellas, ao que diziam os jornaes a propósito da recente expansão da Grécia para o Epiro, uma alliança, ou accôrdo celebrado na previsão de mútua defeza, e talvez de reivindicacões a fazer desde já, ou a formular na hora propícia.

Esta aproximação política com a pequena e vivaz nação que logrou chamar a si o esplêndido porto de Salónica não deixa de ser extravagante. Nem a Geographia, nem a Ethnographia, nem a História, nem o principio das nacionalidades, pelo menos como tem sido interpretado na Europa, a justifica. Que ha de commum entre um Grego e um Slavo? Nada, a não ser a religião, que é a orthodoxa. Raça, língua, tradições (excepto a antiga sujeição d'ambos á Turquia), formas prevaletentes d'actividade social—lavra-

dor o Slavo; o Grego, commerciante e marinheiro—são diferentes n'um e n'outro. Geographicamente, se alguma indicação s'impunha á Sérvia não ha dúvida em que era o seu alargamento para o Sul (como, de resto, foi parcialmente adoptada na partilha recente da Turquia), pelo sandjak de Novi-Bazar, a planície de Kossovo, o amplo e fertil valle do Vardar (entre a Albania e a Bulgária, montanhosas) até ao golpho de Salónica. E' certo que uma alliança não carece da existência de qualquer afinidade éthnica ou linguistica entre os povos que a celebram; para a justificar plenamente basta um interesse commum, até só immediato e sobre pontos circumscriptos, como parece ter, um effeito, occorrido com a aproximação de que se tracta. Mas emfim, se aquella sua aspiração nacional vinha a ser o inglobamento n'um só corpo político de todos os povos, pelo menos dos balkánicos, apparentados pelo idioma e pela origem, e ao mesmo tempo a aquisição d'um território que lhe facultasse livre sahida para o mar, mais se comprehende que todo o seu esforço convergisse para s'estabelecer ao longo do Vardar até ao Egeu do que para attingir o Adriático atravez da Bósnia e da Dalmácia. Accrescente-se, como argumento favoravel a uma política orientada como acabamos de dizer, que o território a adquirir na Romélia occidental era turco (antes da penúltima guerra dos Balkans em 1912), emquanto a Bósnia-Herzegovina e a Dalmácia pertenciam a uma grande nação civilisada; e que, por consequência, a aquisição do primeiro ser-lhe-hia empreendimento menos escandaloso e mais simples, pela supposta ou real incompetência da Turquia para administrar e civilisar as populações que lh'estão sujeitas.

Na política d'este pequeno povo o que parece dominar é menos uma ideia reflectida do que uma phantasia caprichosa. No *ultimatum* que a Áustria lhe dirigiu em julho do anno passado (1914) falla-se nas intenções subversivas da sociedade «Narodna Odbrana» que, se não planejou, suggeriu o assassinato de Serajevo, e do Governo que, se lhe não serviu tambem de instigador, não o soube prevenir, nem o soube castigar. E é, de facto, essa a impressão que se recebe do conjuncto de crises e de crimes que assignalam a moderna história, embora ainda tão curta, d'esse paiz de Slavos lavradores, e creadores de porcos nas suas vastas florestas de carvalhos conforme na sua excellente «*Histoire contemporaine*» M. Seignobos nos illucida. Julga-se ter deante de si uma sociedade meio-bárbara, turbulenta e truculenta, passando a vida a conspirar e a perturbar o socego dos visinhos. A accusação, que se lhe faz n'aquelle documento, de pretender desligar da Áustria-Hungria as suas províncias slavónicas implica no povo aceusado, a ser verídica, não apenas um temperamento irrequieto e aggressivo, mas ausência total do sentimento das responsabilidades internacionaes que contrahira (Declaração de 31, março, 909), e da insignificância dos seus recursos para a grandeza das ambições que alimentava. E' duvidoso que haja n'elle uma verdadeira cabeça d'estadista. A pretensão de conglobar os Slavos do império ainda se concebe que inspirasse um gabinete patriótico se houvesse continuidade territorial entre a Sérvia e as nações ou províncias slavónicas que fazem ha muito parte d'elle. Mas, excepto no Sul, uma tal continuidade não existe; e além d'este precalço, que é já sério, a unidade política da Áustria-Hungria liga-se a

condições sociaes e geográficas que as mais violentas disputas internas, e tentativas exteriores bem mais perigosas que as da Sérvia, não conseguiram até hoje abalar.

A Bósnia-Herzegovina, sendo território confinante com ella, não seria muito d'extranhar que se tornasse objectivo d'um plano d'absorpção pela Sérvia, — comtanto que representasse apenas o prelúdio da occupação da costa da Dalmácia. Mas, suppondo que o conseguisse absorver, é incontestavel que a menor tentativa ulterior sobre esta costa, dando de barato que não podesse ser prevenida ou reprimida pela Áustria, encontraria na Itália uma opposição irreductivel.

Esta observação é sufficiente para mostrar que os seus conspiradores panslavistas, com todos os militares e homens públicos que os apoiam (como se affirma n'aquelle documento), só téem vivido de chimeras. Ainda que os impérios do Centro ficassem vencidos na lucta que se vem ferindo na Europa, não ficariam comtudo aniquilados, impossibilitados por conseguinte de lhe contrarestar pela força as velleidades de expansão para o Adriático; e suppondo, por absurdo, que ficavam, a Itália vêl-a-hia sempre como intrusa na orla marítima fronteira, e não lhe permitiria então, visto haver sahido victoriosa do conflicto em que veio ha pouco interferir, o seu estabelecimento na Dalmácia. A política panslavónica da Sérvia — em resumo — não assenta em quaesquer títulos nem dados que lhe dêem algumas probabilidades de bom éxito. Não passa d'um sonho insensato, sem por isso deixar de ser perigoso ou incómodo para o paiz visado n'elle, se não representa simplesmente, afinal, uma suggestão inconveniente da política da Rússia.

A sua ambição em abrir caminho até ao mar, essa é legítima, poisque é commum a todos os povos europeus que se constituíram longe d'elle. Excepção feita da Suíssa, e só por condições especialíssimas, ou antes únicas, occorrentes n'este povo, nem um só deixou de se tornar, directa ou indirectamente, por esforço exclusivo ou por esforço associado, ribeirinho dos mares que fazem da Europa uma espécie de península da Ásia. Todas as grandes, como todas as pequenas nações da Europa são marítimas, exceptuadas apenas a Sérvia e a Suíssa. Esta espécie de insulamento, inoffensivo para a independência e a prosperidade da Suíssa, pode sustentar-se com bons argumentos que já não o será também para as da Sérvia. O modo porém como pretende sahir d'elle, posta de lado a sua aggressiva vesânia panslavista, é que se nos affigura mais que insensato, absolutamente inexequivel. Tudo que não seja a marcha progressiva para Salónica significa, na nossa opinião, a sua provavel ruina, e consequente absorpção por qualquer das duas fortes Potências que se degladiam a propósito dos Balkans. Na hypóthese de sahir vencida a Rússia, e de lhe não garantirem a integridade os futuros conferentes da paz, é quasi certo ser um simples despojo a repartir entre a Áustria, a Bulgária e talvez a Rumania. Na de ser vencida a Áustria, a sua integridade não ha dúvida em que ficará garantida, não é improvavel mesmo que se alargue mais ou menos para a Bósnia-Herzegovina; mas é positivo que ficará sendo, como hoje, uma nação do interior, que terá falhado por completo a sua aspiração de atingir o Adriático. Não se teria previsto em Belgrado e em Petersburgo a intervenção da Itália na guerra contra os seus antigos alliados?

Como quer que tivessem visionado a attitude desta Potência os politicos sérvios e russos, a recente resolução italiana deve-os ter contrariado vivamente; seria o caso de chamarem a este auxiliar recémvindo «um amigo dos diabos».

E' precalço frequente da soffreguidão ambiciosa vêr sahirem-lhe os cálculos do avêssô. Se a Inglaterra e a França, que são os banqueiros dos Alliados (é-o, no emtanto, a Inglaterra) lhe não adiantaram gratuitamente os fundos necessários para a entreter, vêr-se-ha, no fim da guerra, individada, talvez submettida, como a Grécia outr'ora, a regimen de tutela, e em todo o caso reduzida ao papel de simples tento na partida a jogar em torno da meza das Conferências da paz pelos diplomatas da Europa.

Embora tambem accidentada, a história dos outros paizes balkánicos é-o todavia menos que a da Sérvia; talvez porque o seu temperamento, o da Rumania por certo, é mais repugnante ás aventuras, talvez porque a sua situação política e geográphica seja mais clara e simples, e porisso mais liberta das variações ou fluctuações que tornam complicada e obscura a da Sérvia, talvez porque as suas aspirações sejam um pouco mais racionaes senão relativamente moderadas, e no emtanto susceptiveis de se exprimirem n'uma fórmula precisa. Nenhuma d'ellas se resolveu até hoje a tomar parte no conflicto, apesar da grande pressão que sobre ellas não téem deixado de exercer os dous grupos belligerantes, particularmente os Alliados, e das noticias tendenciosas que lêmos desde ha muito nos jornaes, incluíndo os portuguezes. Que a grande lucta lhes mereça attenção especial, por sentirem que a

sua futura sorte se liga estreitamente ao desfecho que receber, nada tem que nos admire. O que já surprehende um tanto é que, apesar d'essa dependência estreita, não tenham dado nenhum passo decisivo, ao que nos consta, para romper a neutralidade que se impozeram desde logo, nem mesmo depois que a Turquia se declarou tambem belligerante. Delicada tem forçosamente de ser a situação de cada uma para que nem os esforços do general Pau, nem as conversas que parece terem sido entabuladas entre os respectivos gabinetes e os das nações já envolvidas na guerra, tenham conduzido a resultado algum apreciavel.

Sômos dos que nutrem pouca fé n'um pretendido instincto orientador dos povos, e nenhuma na sagacidade clarividente, reservada, machiavéllica dos seus thuriferados homens públicos, quando as circumstâncias se complicam, e nos offerecem, como agora, aspectos absolutamente inesperados. O instincto das multidões só pode revestir algum valor, e determinar procedimento ou attitude, em situações desembaraçadas d'incidentes, e resolveis a uma pura questão sentimental; e a perspicácia dos políticos, muito menos aguda em geral do que se pensa, raro succede que vá muito além da escolha da oportunidade e do processo d'intervir em casos já perfeitamente examinados, em que, portanto, não existem nem incerteza nem dúvida. Para que haja possibilidade de tomar uma resolução, é indispensavel saber primeiro o que se quer; e para saber o que se quer, é preciso, antes de tudo, vêr claro no problema que essa resolução tem de affectar. Ora, quem é que vê por 'ora claro na crise em que a grande conflagração armada veio lançar a Europa inteira? E' nossa convicção que não ha n'este momento, na Europa e no mundo, uma só cabeça

d'estadista que seja capaz de prevêr o que vai sahir d'esta embrulhada tremenda, nem sequer o destino que está reservado ao seu paiz. Sobre a questão, obsediante e esphingica, sabem tanto *sir E. Grey* ou o *kaiser* como *Enver-pachá* ou *M. Poincaré*. De todos os paizes que figuram n'ella, talvez apenas a Allemanha soubesse claramente o que queria, se é certo, conforme se tem affirmado e é de crêr, que a veio preparando desde 1870. Não será absurdo mesmo garantir que é esta a maior vantagem que tinha, e talvez ainda conserve, sobre o grupo das nações antagonistas. Mas entrariam, porventura, nos seus cálculos o compromisso de Londres (5 de setembro de 914) entre a Inglaterra, França e Rússia, a unidade moral e o sangue frio da França ao vêr outra vez invadido o seu território e Paris de novo ameaçado, a rescisão da Tríplice-alliança e a belligerância inimiga da Itália, além de muitos outros incidentes? Não é crível. A verdade é que os governantes das grandes Potências, levando atraz de si alguns milhões de combatentes, desencadearam sobre a Europa uma tempestade terrível, sabendo talvez mais ou menos lucidamente o que desejavam, mas sem que um só pudesse adivinhar o que viria a succeder, e medir pois as consequências da formidável aventura guerreira em que audaciosamente embarcaram. Árbitros conscientes do impulso inicial, são agora pouco mais do que joguetes das enormes forças que soltaram, cujos complicados effeitos não previram nem podiam prevenir, nem poderão agora dominar.

A indecisão das tres nações balticas a que nos estamos referindo é natural. Ha cerca de seis mezes que a lucta como que estacionou, sem que nenhum dos grupos

belligerantes tenha obtido decidida vantagem sobre o outro; e se o austro-alemão parecia ha pouco ir empurrando deante de si os Russos na Galícia, a intervenção recente da Itália pode neutralisar-lhe o presumivel triumpho n'esse terreno de batalha. N'esta d'úvida, e na do partido que abraçariam os outros dous povos da península na hypóthese de pender a victória para um dos grupos taes como agora se defrontam, era certamente bastante arriscado resolver-se uma d'ellas a entrar tambem no conflicto. Das tres nações, a Rumania é que, segundo transmittem os jornaes, está mais próxima a declarar-se em favor dos Alliados. Se tem fundamento a noticia, é claro que o seu Governo obedeceu a indicações da opinião nacional, e achou além disso que uma decisão n'este sentido convinha mais ao povo rumeno do que uma decisão favoravel ao bloco dos impérios, ou a attitude neutral que vem mantendo; pelo menos, é isto o que se deve deprehender da noticia dos jornaes.

Ora, o que levaria a opinião pública na Rumania, ou antes, a minoria bellicosa que se impoz, como na Itália, á maioria pacífica ou indifferente, a quem seria mais cómodo permanecer na neutralidade — o que a levaria a rejeitar esta attitude e a correr todos os inconvenientes e riscos d'uma guerra? Se nas cabeças rumenas ha um pouco de mais senso e de mais lógica do que se julga descobrir nas do povo slavo seu visinho pelo Oeste, foi com certeza porque esta attitude neutral não lhe convinha. Em que sentido porém lhe não conviria? Desde 1878, este pequeno Estado, em que se falla uma lingua latina, cujas populações se consideram representantes dos colonos ro-

manos estabelecidos n'essa região do baixo Danúbio na época dos Césares, e em que, no entanto, a civilização occidental, a franceza sobretudo, tem exercido mais benéfica e pronunciada influência, tem constantemente progredido em riqueza e em instrução. Sem a menor dúvida, é dos Estados balticos o que mais se aproxima, em cultura, das pequenas nacionalidades do norte e do occidente da Europa. Nem mesmo em Portugal, onde tantos progressos extranhos se ignoram, ou só tardiamente se divulgam, se desconhece a litteratura d'esse povo irmão, acantonado, ao longo do célebre rio, entre os Carpathos e o mar Negro. Os versos da Carmen Sylva, ao menos, e as aneddotas referentes á régia poetisa mais que uma vez despertaram o interesse dos nossos leitores de revistas e jornaes.

Pacifico, intelligente, laborioso, tem-se applicado sobretudo a desinvolver os seus recursos naturaes, a sua agricultura e o seu commercio, e a aperfeçoar as suas instituições politicas pelo modelo occidental. A não ser a abdicção forçada de Alexandre de Cuza, nobre da Moldávia que fundou a unidade da nação em 1861, e em 1864 libertou os camponozes tornando-os proprietários das glebas que cultivavam sob o domínio dos senhores (os *boyards*), e a sua substituição por Carlos de Hozenzollern, nenhuma violência politica ha que registrar na sua história. O regimen parlamentar parece ter-se acclimatado ahi melhor, e funcionado mais regularmente do que nos outros povos dos Balkans, e até do que em diversos povos europeus. Talvez por ser o único paiz baltico onde o mussulmano vencedor se não fixou, não constituiu propriedade, e não reduziu portanto o christão vencido a

servo da gleba, a sua animosidade contra a Turquia foi relativamente moderada, poupando-o ás luctas e represálias violentas como as que, ha uma dúzia d'annos apenas, ensanguentaram a península. Tudo parecia pois aconselhal-o a proseguir no seu desinvolvimento regular, e a manter com firmeza uma neutralidade que só lhe podia favorecer esse projecto patriótico, ainda mesmo que a repercussão da guerra nos seus interesses económicos lhe originasse, se é que originou, alguns prejuízos de momento.

É preciso ter em conta que a Rumania produz abundantemente cereaes, géneros que as nações em conflicto hão de sollicitar com avidez, e que por conseguinte a paralyção eventual do seu commércio marítimo pelo encerramento dos Dardanellos á navegação devia ser remediada com o accréscimo na sua actividade exportadora, quer por terra, do lado da Sérvia e da Áustria, quer pelos portos do Egeu nas costas da Grécia e da Bulgária. Mas suppondo que tenha soffrido prejuízos, incomparavelmente mais pezados e menos remediaveis serão na hypóthese de renunciar á sua attitude expectante. E se não delibera conserval-a, conforme os telegrammas affirmam, é porque os julga mais que compensados pelas vantagens a recolher da sua intromissão no conflicto.

Quaes serão estas vantagens? Certamente, a aquisição de territórios a que se julga com direito: a Transylvânia, a Bukovina ou a Bessarábia. Os dous primeiros são austríacos, o terceiro pertence ao império russo, e em todos tres a população d'origem ou lingua ruménica é relativamente numerosa, o que não quer dizer exclusiva, nem tambem preponderante pelo número ou pela importância social. Que a Rússia, a troco d'um auxílio milltar, lhe ce-

desse a Bessarábia (vasto e fértil tracto de solo entre o Pruth e o Dniester) não é de crêr, porque o reforço de 300 ou 400:000 Rumenos a um exército que conta os seus soldados por milhões não valeria o sacrificio. A diversão estratégica que esses milhares de Rumenos poderiam provocar, pouco mais representaria do que um augmento ás forças russas ou sérvias, conforme se deliberasse conduzi-los ou á Galécia ou ao Danúbio, suppondo já, n'este último caso, que os Sérvios estão de novo preparados para renovar a lucta, abandonada, ou quasi, ha uns quantos mezes.

Uma invasão pela Transylvânia crêmos bem que constituísse uma diversão mais efficaz; com a condição porém de que a transposição dos Carpathos (na Moldávia) ou dos Alpes transylvânicos (na Valácchia) fosse empreza simples de tentar, e sobretudo possível d'apoiar n'uma insurreição dos Rumenos que a habitam. Mas, se os Russos se mostraram impotentes, apesar dos seus effectivos enormes, para os transpôr na Galécia, e se os Slavos da Bósnia e da Herzegovina não quizeram, ou não ousaram insurgir-se ao romper das hostilidades da Áustria contra a Sérvia, a hypóthese que lembramos não tem probabilidade alguma a seu favor. E que tivesse, seria sempre para a Rússia uma diversão accessória, sem influencia de vulto no desfecho do conflicto, como talvez a não tenha a da própria Itália com todo o pêzo da sua esquadra e do seu exército, e que ella, pois, nunca se resolveria a pagar com a cessão da Bessarábia. Por grande que seja a sua confiança na victória, não deixou certamente de prevêr a eventualidade de ser vencida, por consequência as condições de paz que lhe imporia o vencedor, entre as quaes difficil-

mente deixaria de figurar, e até por culpa sua, a reconstrução d'uma Polónia independente, com a possível inclusão das províncias Bálticas, onde o Allemão predomina. Esta perspectiva bastava para cuidar de obter mais barato os serviços que lhe podesse prestar a Rumania, ainda que fossem mais valiosos do que seriam realmente. O mais provavel é que os tenha negociado, suppondo verídica a notícia das conversas entre Bukarest e Petrogrado, com a annexão futura da Transylvânia e da Bukovina. Com os bens alheios não é difficil ser generoso, principalmente se o presente fôr offerecido e acceito a beneficio d'inventário.

Como compensação equivalente em território turco nada tem de verosimil, poder-se-ha admittir que a Rumania firmasse um convénio, com intuitos offensivos, em bazes tão manifestamente aleatórias? Concebe-se que fosse desde já correr todos os riscos, despezas e prejuízos d'uma guerra a troco d'uma simples promessa de futuro engrandecimento territorial, que os Alliados não estariam amanhã, talvez, nos casos de cumprir? E' supposição que nada tem de acreditavel. Além d'isso, a sua intervenção no conflicto está condicionada estreitamente pela attitude da Bulgária, cujo exército numeroso e experimentado nas recentes luctas da península, reduziria o seu á impotência, se contrário fosse o partido que abraçasse.

Por mais d'uma vez temos debatido connosco esta questão, desde que o jornalismo affecto aos Alliados principiou a annunciar a futura e simultânea belligerância da Itália e do paiz baltánico-latino. E a conclusão a que chegávamos era sempre que a nenhum d'esses paizes convinha a belligerância a não ser no fim da guerra, quando

fosse possível prevêr o desfecho que teria, quando sobretudo o seu auxílio representasse a lendária espada de Brenno na balança da victória. E que não convinha, no emtanto, á Rumania. Paiz fertil, com excellentes recursos naturaes, muito bem delimitado pela cordilheira de que fallávamos acima, pelo Pruth e pelo Danúbio, cujo delta lhe pertence, com extensa costa no mar Negro, além de pouco povoado ainda, evidentemente não é grandeza nem bondade de território que lhe faltam: para uma população igual, com pouca differença, tem uma área maior de que Portugal cêrca de $\frac{1}{3}$, sendo assim menos densamente povoada do que esta nesga da Península. Do que precisa é de paz, e de pacificamente desinvolver a sua riqueza e instrucção. Mas, a seguir na vesânia megalomaniaca a que parece obedecerem os politicos dos Balkans, não críamos que se lançasse nas aventuras d'esta guerra temerosa, de desenlace ainda longinquo e mais que incerto, senão n'um íntimo accôrdo com a Bulgária, pelo menos com a segurança prévia de que este seu visinho perigoso continuaria neutral.

Esta última observação leva-nos naturalmente a perguntar o que é que os Búlgaros pretendem? Ao que parece, reunir ao seu todo o território da Romélia como o Congresso de Berlim (em 1878) a demarcou (as antigas Thrácia e Macedónia), por conseguinte expandir-se até a Albania ao occidente, e para o Sul até ao Egeu (o mar do Archipélago). As victórias da *Liga balkânica* deram-lhe apenas uma pequena parcela do território cubiçado, no qual se inclui um tracto só d'aquelle mar: A Grécia e a Sérvia levaram-lhe a Romélia occidental (a Macedónia); a Romélia de leste (a Thrácia) continuou, em parte, na posse

da Turquia. As tres nações constituem hoje, assim, o obstáculo que se levanta em frente da sua grande aspiração nacional. Ora, a Turquia está em guerra, e sériamente ameaçada na sua própria capital pela esquadra e o exército dos Alliados, que tentam dominar Gallipoli e forçar os Dardanellos. Se consegue repellir os hóspedes, embora os Russos saíam vencedores na Transcaucásia, e seja qual fôr o resultado final da grande lucta, a Bulgária tem necessariamente que desistir de quaesquer pretenções a larga expansão territorial para esse lado. Se Constantinopla cahe em poder dos assaltantes, deve perder do mesmo modo a esperança de receber qualquer quinhão no despojo do vencido. O destino a dar, n'esta hypóthese, ao território turco da Europa (e até da Ásia) é um dos mais interessantes, e mais obscuros, problemas que o formidavel duello teve o condão de formular. Examinal-o-hemos mais adiante. O que nos convém por'ora fixar é a exclusão da Bulgária—no caso, está entendido, de continuar alheia á lucta—d'uma participação qualquer n'esse destino.

Têl-a-hia talvez se deliberasse cooperar com um dos Partidos. Mas eis precisamente, como acontece á Rumania, onde está a difficuldade. Qual dos Partidos tem offerecido até agora mais probabilidades de vencer? Porque, sem a mínima dúvida, e por megalomanos que se tenham mostrado os seus políticos, ella não quereria aggravar gratuitamente a tensão das suas relações com a Sérvia e a Grécia desde a última partilha do território arrebatado á Turquia, e menos tornar impossivel no futuro não só um engrandecimento, mas uma simples compensação, á custa d'esta, da perda que os seus dous vizinhos lhe infligiram, e que julgou sempre um attentado ao seu direito.

A questão poderá parecer um tanto cynica: estar attento a um signal seguro pelo qual dirigir procedimento não abona muito a excellência moral de quem o espera. Mas tal é, infelizmente, o barro grosseiro em que a Natureza amassou a alma dos homens. Na vida individual ainda se poderá encontrar, uma ou outra vez, dedicação, desinteresse, um pouco d'espírito de justiça, tal qual inspiração d'instinctos nobres; na dos povos, sempre que o egoísmo nacional esteja em questão, inutil contar com o florir d'essas virtudes. Até mesmo na vida interna social raro é que ellas se mostrem, quando na exhibição espontânea existe perigo ou prejuízo; se um prédio ameaça vir a terra, só um insensato, o que se chama um Quixote, se vai arriscar a ser colhido nos escombros. Internacionalmente, dá-se o que estamos vendo desde o principio da lucta: de qualquer possível derrocada salve-se cada um como puder; no futuro regabofe da partilha, apanhe cada qual o bocado que os mais fortes lhe deixarem.

No caso que estamos discutindo, o osso turco na Europa, pequeno embora, é tão succulento e appetecível que o Búlgaro lhe cravaria os dentes com volúpia se pudesse, se não estivesse assistindo ao enorme, e até agora esteril, esforço que bem mais poderosas maxillas vêem fazendo para o prender e o esburgar. Com opportuno bom senso, tem se esquivado a collaborar n'uma obra de simplicidade mais que duvidosa, em que se arriscaria a ficar extenuado, e a contentar-se, no fim, com a pitança negativa que o apólogo attribue aos consócios do leão, dando já por assente que os consócios triumphavam. Se não triumpham, se «o inferno» dos Dardanellos, na expressão significativa do horror da lucta que vem sendo ahi travada, consumir os

soldados e os navios assaltantes, se essa tenaz do estreito os esmaga e os tritura, de que serviria ir também entalar n'ella o seu exército que duas guerras successivas, a segunda das quaes desastrosa, desfalcaram, embora possam não ter enfraquecido?

Estamos a prevêr a objecção: este exército nada tinha que fazer nos Dardanellos, embora para lá pudesse transferir-se pelo mar Egeu, de que os Alliados estão senhores; o seu papel, e de primeira importância, consistiria em atacar os Turcos de flanco, e marchar em direitura a Constantinopla, inutilizando por este modo a pertinaz resistência que estão oppondo aos Anglo-francezes na península de Gallipoli. A perspectiva é seductora, concordamos. Mas pode alguém persuadir-se de que não fosse já prevista, e de que, portanto, não estejam tomadas de ha muito as precauções sufficientes para que essa investida se frustrasse?

E' preciso não esquecer que Andrinopla é uma praça forte difficilmente expugnavel para um exército como o búlgaro, e que o seu assédio em todo o caso seria moroso e complicado bastante para o paralyzar por largo tempo, e dar por consequente occasião a que os Turcos lhe lançassem em cima avultadas forças de reserva, concentradas a est'hora na capital provavelmente, e o impedissem de realisar o objectivo a que o plano por nós supposto mirava. Prescindimos já d'argumentar com a mais que provavel deficiência, no exército búlgaro, de material completo de sitio, d'effectivos bastante elevados para bloquear essa praça forte e manter a distância durante o cêrco as forças turcas de soccorro, e sobretudo d'um commando superior comparavel ao que está dirigindo a de-

feza da Turquia. Um argumento apenas destruirá a objecção: se os Búlgaros, vencedores dos Turcos ainda ha cêrca de dous annos e meio, a quem a posse de Constantinopla consolaria plenamente da perda soffrida na Romélia occidental, julgassem exequível reeditar a façanha contra os seus velhos oppressores, não ha sombra de dúvida em que nem um só momento hesitariam. Se não se mexem, se nada sequer annuncia que estejam dispostos a mexer-se no sentido em que os Alliados quereriam, é unicamente porque não podem, e porque não vêem na captivante, e tambem gloriosa, aventura a mínima probabilidade de bom êxito. Conquistar Constantinopla! a proeza valia bem a pena de lhe sacrificar toda a Romélia, quanto mais a parte que os Gregos e os Sérvios lhe apanharam! Boa vontade aos Turcos, abstrahindo mesmo do sonho nacional da «Grande-Bulgária», não fallece a essa antiga provincia do sultão, outr'ora povoada de lavradores, padres e mestre-escolas, segundo M. Seignobos nos ensina. Comquanto o rei Fernando seja allemão, como o rei da Rumania, o tzar da Rússia é o padrinho do herdeiro da corôa; e as animosidades recíprocas d'esta Potência e da Bulgária durante o governo do famoso Stambulof ha muito que estão sanadas, ou no emtanto esmaecidas. Se, apesar de tudo isto, o ambicioso rival do Sérvio não se sente resolvido a fazer causa commum com os Alliados, de mais a mais agora que os vê perto e empenhados n'uma empreza tão grandiosa, e tão directamente relacionada com o seu próprio objectivo, forçoso é concluir ou que lhes antevê desastre certo, ou que lhe regatearam ao auxilio o único preço que a sua aspiração nacional acceitaria.

E note-se que simplificamos a questão, admittindo

tacitamente que a Rumania continuava na sua neutralidade, e se desinteressava de todo, com os dous outros paizes balticos, das consequencias que poderiam resultar d'uma coalisao bem succedida entre os Alliados e os Búlgaros; e esta supposicao é muito pouco verosimil. Pelo contrario: o que está passando nos Dardanellos reveste para todos esses povos dos Balkans, como aliás egualmente para toda a Europa, uma importancia transcendente. Impossivel lhes é, particularmente á Bulgária, á Rumania e á Grécia, desinteressar-se do desfecho que a lucta poderá ter ahi, por conseguinte da attitude que uma d'ellas, a Bulgária em especial, se resolve a assumir no decorrer dos successos. Tudo quanto favorecesse uma approximação búlgara do braço marítimo que liga o mar Negro ao do Archipélago commoveria immediata e profundamente os dous outros paizes confinantes ao sul e ao norte, não fallando já da Rússia; menos pelo que chamaremos o *desequilibrio*, em extensão, dos respectivos territórios do que pela ameaça de vir a converter-se na posse d'um ponto qualquer d'esse caminho sempre, atravez dos séculos, ardentemente disputado. A não ser pois que a Rumania e a Grécia, a Rumania pelo menos, chegassem com ella a um accôrdo para um procedimento commum, ou para lhe garantirem liberdade de movimentos — e esta última hypóthese é improvavel —, a Bulgária difficilmente se deixaria convencer por quaesquer sollicitações dos Alliados para a attrahirem á sua causa.

Depois, do lado da Turquia não se lhe descobre motivo de quaesquer reivindicações immediatas; e téem-n'os, ao contrario, para reclamar na primeira oportunidade que appareça, o que a Grécia e a Sérvia lhe levaram.

Se tiver de alinhar com um dos Partidos, e antes d'isso entender-se com a Rumania para uma acção combinada ou isolada, tudo nos força a presumir que alinhará com o austro-allemao, sobretudo se a transposição dos Dardanellos se annunciar inexequivel. O mais provavel porém, se a megalomania da Sérvia a não desvaira, é que persista na attitude que tem mantido até agora, e com a qual só tem a aproveitar.

Na perturbação geral provocada pela guerra, está em condições análogas ás que foram indicadas para a Rumania. Com uma área pouco inferior á d'esta, depois das recentes annexações que conseguiu, é essencialmente, como ella, um paiz productor de cereaes, de mercado mais que certo e remunerador e de exportação desimpedida pela sua costa do Egeu, e ao mesmo tempo bastante menos populoso; a sua marinha mercante, além d'isso, é por'ora embryonária; e a sua instrucção deixa muito a desejar, comparativamente á da Grécia e da Rumania. A não ser que circumstâncias excepcionalmente propicias lh'a aconselhem, impondo-lhe pequena despeza e menor perigo, uma guerra só lhe annullaria as vantagens da situação que tem guardado, e sem compensações correspondentes. Por melhores motivos, pois, que a Rumania, mais povoada, instruída e próspera do que ella, é de paz, e d'uma longa paz, que necessita, para valorisar o seu já vasto território e a sua nova posição no mar Egeu, e se refazer das luctas que teve ha pouco de sustentar.

Dir-se-ha que o momento é talvez único para cada um dos povos balkánicos effectivar a sua aspiração nacional; e é o sentimento vivo desta verdade que os obrigará a entrar na liça. Admittamos o argumento. Razão de mais para

cada um se não arriscar precipitadamente na contenda, sopezar com a máxima frieza as probabilidades em favor d'este ou d'aquelle grupo belligerante, examinar com attenção o alcance e a garantia das propostas que um e outro certamente lhes téem feito, e prevêr com toda a possível justeza a situação que lhes criará a preponderância definitiva em Constantinopla ou dos Alliados ou dos Austro-alemães. Mas quem pode, por emquanto, presentir qual o epílogo do drama a que estamos assistindo? Se não nos illudimos sobre o aspecto megalomaniaco que julgamos caracterisar a política nos Balkans, é sobretudo esta incerteza que não lhes deixa abandonar a sua attitudo expectante, nem deixará tão cedo adoptar com decisão um dos Partidos.

Como quer, porém, que os acontecimentos venham a dispôr-se, o que, entretanto, nos parece natural, dada a carência actual entre as duas de quaesquer resentimentos insanaveis, e a possibilidade de s'intenderem acêrca das reivindicações búlgaras na Romélia occidental, é que a Bulgária e a Rumania procederão sempre de concôrto na conjunctura, formarão uma espécie de bloco estavel a oppôr á turbulência e ás pretenções dos seus visinhos da península, e talvez á pressão e ás intrigas das Potências. Insistimos em crêr que se manterão em paz como até aqui; mas a terem d'intervir tambem na guerra, adoptarão certamente egual partido.

Não vêmos por'ora vantajem, embora os jornaes affectos aos Alliados a venham annunciando desde antes da demissão do gabinete Venizelos, na intervenção da Grécia, quando a paz, depois do esforço dispendido na aquisição de Creta e do importante pedaço de território ao norte da

Thessália, e da sua recentíssima annexação do resto do Epiro, se lhe torna tão necessária e tão longa como á Rumania e á Bulgária. A opposição ao intervencionismo, do qual era corypheu o ministro demittido, não julgamos que se deva attribuir á nacionalidade dinamarqueza da dynastia, por conseguinte á influencia pessoal do rei em favor dos dous impérios centraes. A origem e parentesco dos soberanos que presidem ao governo das nações não são de todo indifferentes, sem dúvida, á directriz a adoptar na sua politica estrangeira; comtante, porém, que algum interesse nacional se lhe não opponha. Seria, naturalmente, mais grato ao rei Constantino (dinamarquez), ao rei Fernando de Coburgo (allemão) e ao rei Fernando de Hohenzollern (allemão), influirem na Grécia, na Bulgária e na Rumania, no sentido de se formar um partido favoravel ao bloco dos impérios, neutralista ou intervencionista conforme as circumstâncias permittissem. Mas, se da neutralidade, ou intervenção como era desejada, resultasse prejuízo sério para os seus povos, ou até se alguma corrente forte da opinião as viesse contrariar, nenhum d'elles persistiria em levar por deante o seu projecto. E se os não convidassem apenas a esta attitude o sentimento da responsabilidade da funcção que desempenham e o dever de corresponderem á confiança depositada n'elles pelos povos, impôr-lh'a-hia o desculpavel egoísmo de se manterem na posição eminente que a vontade nacional lhes outhorgou.

Ha excepções á regra, concordamos; ha soberanos que se não téem mostrado doces a indicações da opinião, ou geral ou dos partidos, que de qualquer modo lhes repugnam; preferem abdicar a soffrer imposições que a sua intelligência ou o seu character não acceitam. São

creaturas raras, na espécie; na collisão entre *se soumettre* ou *se demettre*, como dizia Gambetta, a vulgaridade que cinge uma corôa submette-se. O governo dos rebanhos de bipedes tem espinhos, afirma-se; mas tem igualmente os seus encantos, e não desprezíveis rendimentos. Proventos e honras, de mais a mais n'um sacco único, ao contrário do que assevera o prolóquio, fama e installação cômmoda na vida — onde o parvo que desprezaria esta fortuna? Por amor da probidade, declaremos já que não sabemos se o rei da Grécia adoceria por vêr qualquer sua preferência germanóphila contrariada pelos intervencionistas em favor dos Alliados, nem se, na hypóthese de prevalecer esta corrente, abdicaria ou morreria. O que supponmos verosimil é que a attitude até hoje conservada pela Grécia, como pela Bulgária e a Rumania, não tenha sido apenas dictada pela predilecção germanóphila que não seria offensa attribuir aos respectivos soberanos, mas pelas razões que deixamos produzidas, e que tenha, pois, correspondido ao sentimento da maioria da população n'esses Estados. Sahir d'ella, sem poderosos e claros signaes que a contraindiquem, é um passo arriscadissimo por'ora.

Do lado do continente, as aspirações pan-hellenistas, com aquella annexação do resto do Epiro ha poucos mezes, estão plenamente realisadas; e convém não esquecer que originou resentimento inextinguivel na Bulgária a adjuncção anterior de Salónica e da Chalcídica. A extensão dos territórios annexados, a sua feracidade, a sua magnífica situação marítima sobre o Egeu e o Jónio, constituem riquezas a explorar mais que sufficientes para a sua população, que é diminuta, e para a sua marinha mercante e o seu commércio, apezar de relativamente consideraveis.

Para que sahir então d'uma paz que fortes motivos económico-políticos, ao menos quanto de longe e com dados incompletos é permittido apreciar, insinuam que lhe deve ser mais do que util, preciosa? Não se resolverá a sahir d'ella, quanto a nós, senão no caso ou de ser ameaçada na posse dos territórios ultimamente adquiridos, ou de ter a quasi certeza de vêr o seu auxilio compensado com a das ilhas do Egeu a que se julga com direito (desde Thasos ao norte, a Samos e Nikária ao sul), todas sob o actual dominio da Turquia, e cuja sorte definitiva estava pendente, ao ser declarada a guerra, do accôrdo prévio entre as Potências. A posse do resto do Epiro, ao tempo em que a Itália s'estabelecia em Valona (na costa da Albania) de maneira a ter na sua mão as chaves do Adriático, não é crível que lhe seja contestada por ninguem; d'esse tracto de solo se pode affirmar sem exaggêro que foi sempre hellénico pela Geographia, a Ethnographia e a História. E ainda mesmo que um d'estes argumentos não apoiasse a solução, é positivo que o voto das Potências, pela ausência de pretensões, a este respeito, de qualquer das outras nações balcánicas e pelo mais que provavel assentimento da Itália (como, de resto, se viu ao ter logar a occupação), seria sempre em seu favor se o conflicto lhes dêsse tempo a se pronunciar sobre o facto.

Mas a da maior parte, se não de todo o território que segue a orla do Egeu desde o norte da Thessália, essa pode-lhe ser legitimamente contestada, e pelos mesmos argumentos invocados, decerto, por ella para o Epiro, isto é pela História, a Ethnographia e a Geographia. Assim é que lhe contestou a Bulgária esse direito; e só a victória dos Sérvios, concluidos com os Gregos e Rumenos, além

de favorecidos pela derrota precedente da Turquia e pela rivalidade entre a Rússia e Áustria-Hungria, a forçou provisoriamente a desistir d'essa reivindicação nacional. Por muito que a educação clássica suggestione a phantasia, nenhum crítico do nosso tempo se lembrará de assimilar o Grego actual ao Grego antigo, de vêr nos actuaes marinheiros e commerciantes do Pireu, a não ser no dialecto de que usam, os representantes dos Hellenos de Marathona e Salamina, e no estadista snr. Venizelos o descendente remoto de Themistocles ou de Pericles; mais extranho seria então imaginar nos commerciantes e marinheiros que frequentam e negociam agora na Chalcídica os descendentes genuinos dos Macedónios de Alexandre. Historicamente, a Grécia clássica nada mais é que recordação, luminosa e imperecível sem dúvida, mas pura recordação, simplesmente. O que vive ainda hoje na noss'alma é a sua Sciência, é a sua Arte; e d'essas bellas creações sômos nós todos, Europeus do Centro e do Occidente, os herdeiros legítimos, e não, por'ora ao menos, nenhum d'esses vagos povos que se agitam nas immensas planuras moscovitas do Norte e na península dos Balkans.

Não basta fallar a mesma língua para que um povo se diga herdeiro d'outro. Para que se possa attribuir esse papel, e no caso sujeito essa glória, é indispensavel ser o seu representante e o seu continuador, pela cultura e pelo espirito. O Grego clássico, o Jónio especialmente, foi negociante e marinheiro. Mas, evidentemente, não foi pela sua perícia no mar nem pela sua habilidade no negócio que nós, Europeus, o admiramos e lhe consagramos culto immorredouro. Ora, o Grego moderno, por emquanto, só herdou do seu presumido antepassado essas aptidões, que

aliás não floresceram menos no Phenício. Mostre, primeiro, á Europa que lhe herdou tambem o espirito, além da lingua, e a Europa que faz Sciência e que faz Arte, em logar apenas de navios e negócio, decerto não lhe recusará a honra a que aspira, e desejamos sinceramente que mereça.

Julgamos que a Europa civilisada, posta de lado a questão, devéras irritante e difficil, dos estreitos, tem vivido n'um palpavel equívoco acêrca d'esses povos, com muito menos d'um século d'existência nacional autónoma, que nos Balkans constantemente borburiham e a inquietam. Porque fallam uma lingua aryana e são christãos, parece que a seduz a miragem de que são tão civilisados como ella; porque o seu regimen político foi decalcado sobre o modelo occidental, parece estar persuadida de que são genuinos Europeus, sem costumes, sem emoções, sem vestígios nem tendências quaesquer orientaes. Não ha incidente ruidoso sobrevindo entre essas populações irrequietas, sobretudo entre christãos e mussulmanos, que ella se não commova logo, e logo não perca o sangue-frio. Esquece a Polónia e as proezas do «verdugo de Vilna», (o famoso Muravief); esquece a «russificação» que desde o primeiro até ao actual Nicolau II (Alexandre II exceptuado) vem systematicamente sendo imposta a essa nacionalidade infeliz, á Lituânia, ás províncias Bálticas e á Finlândia, apesar de compromissos solemnemente contrahidos pelos tzares; esquece as barbaridades commettidas pelos Russos e os Búlgaros na campanha de 77, ao que diz o anónimo da *Revue scientifique*; esquece as intrigas e machinações dos Gregos para destacar a ilha de Creta da Turquia;

esquece, emfim, todas as manobras irritantes, e mais que uma vez injustas e odiosas, d'esses pequenos povos megalomanos contra um paíz cuja segurança e integridade ella tomára, mais que uma vez tambem, sob a sua protecção; esquece mesmo a sua própria história colonial, para lamentar apenas os «horrores da Bulgária», os morticínios dos Arménios, as repressões da Macedónia, n'uma palavra actos de crueldade turca, não se nega, mas que não passavam com frequência de represália legítima contra violências e provocações antecedentes, que povo algum dominador jámais poderia deixar passar sem correctivo. E' lêr as bellas páginas de Pierre Loti quando, ha tres annos, os balkánicos se lançaram sobre os Turcos.

A história interna d'esses povos, se não é uma sanguieira, como na Sérvia, e na Bulgária sob o governo brutal de Stambulof, é todavia pouco edificante. Os primeiros insurgentes gregos, por quem os poetas e as damas da Europa occidental se apaixonavam, eram simplesmente bandoleiros, nem peiores nem melhores que os Albanезes mussulmanos; os seus políticos d'agora a si próprios se definem—é M. Seignobos quem o diz—quando se accusam mutuamente de falsificarem as eleições. Só a Rumania, ou porque a sua origem latina não seja um simples assomo de vaidade, ou porque a cultura franceza tenha penetrado fundo nas suas classes dirigentes, nos offerece um quadro politico e social que se contempla sem desgosto. As outras nações christãs dos Balkans são ainda, não obstante algumas apparencias, semi-bárbaras, mais ou menos inquinadas dos vícios, e influenciadas pelos costumes e paixões dos Orientaes.

Nem podia deixar de ser assim. Não se vive impune-

mente durante séculos sob o domínio d'uma raça exclusivamente militar, rebelde á civilização europeia, dura e cruel para com os vencidos. Não se vive uns quatro séculos na condição de *raias* (servos adstrictos á gleba), d'escravos submettidos ao arbítrio de senhores estrangeiros, sem que os hábitos de violência de cima se communicuem por contágio, e sem que os peiores instinctos, desde a inveja e a dissimulação até á vingança e á insolência, germinem e resfolguem com impetuosidade irreprimivel. Não ha peor déspota, nem mais intoleravel creatura do que o escravo que readquire a liberdade, embora seja o esforço extranho que o liberta. O libertado não deseja apenas infligir ao oppressor as humilhações que recebeu, tambem «nutre um ódio secreto contra o seu libertador», conforme Eça de Queiroz finamente faz observar a propósito das relações da Itália e França.

Exceptuando a Rumania, que já dissemos ter ficado indemne da occupação pelos Ottomanos, e na qual concorrem ainda as circumstâncias favoraveis meñcionadas acima, os paizes dos Balkans soffrem dos males que uma longa servidão provoca sempre. Todos detestam cordealmente o seu antigo vencedor, e assiste-lhes razão para o detestar; mas não sympathisam muito mais com o Europeu, precisamente porque, em parte, lhe devem a liberdade e a independência que disfructam, porque os impacienta a contínua ingerência d'elle na sua politica interior e exterior, porque sentem, a cada passo que dão, ou querem dar, o prolongamento offensivo da tutela que os arrancou do nada á prosperidade relativa que véem gozando, e porque, no íntimo, reconhecem que, por'ora ao menos, lhe são realmente inferiores. Aqui, sobretudo, é que está o seu ponto dolorido.

«A Bulgária para os Búlgaros»: — vinha das profundezas da alma esta exclamação de Stambulof, o filho do «*aubergiste*» guindado ás culminâncias da Regência depois da abdicação de Alexandre de Battenberg; quer dizer, fóra com Turcos e Russos, que são ambos estrangeiros. E é também o grito d'alma dos patriotas gregos e da Sérvia, a quem, depois do turco, affronta ainda o jugo, mais ou menos disfarçado, do Europeu, Inglez ou Francez, Russo ou Austriaco.

E hão de, afinal, livrar-se d'elle — tudo nos leva a presumir. A gratidão nunca foi virtude collectiva; e até nos individuos é virtude que raríssimas vezes se descobre. Os homens públicos, particularmente, sabem por experiência própria o que pensar a tal respeito. Não seria pois d'extranhar n'essas nações embryonárias um defeito que s'encontra invariavelmente em todas, sem distincção de raças, épocas e phases da civilisação sobre que incida o exame crítico. O que é seu defeito exclusivo, ou antes, só compartilhado pelas raças que reconhecem com ellas analogia na sua história, é essa megalomania cubiçosa e absorvente, essa espécie de soffreguidão insatisfeita e insensata, esse quasi delirio de açambarcar e figurar, de chamar seu, sem demora e sem escrúpulo, o que imaginam pertencer-lhes por direito, e de attrahir sobre si as attenções da Europa culta. Todas as agitações que têm vindo perturbar a longa e fecunda paz vivida n'este canto do Orbe desde 1877 foi d'ahi, d'esse fóco anarchisado, d'essa gente insaciada e buliçosa, que partiram. E para não desmerecer do juizo que todo o Europeu reflexivo tem formado a seu respeito, foi d'ahi mais uma vez, toi d'essa fornalha em permanente ebulição, que chispou a faúlha que ameaça inflammar o mundo inteiro. Valia

bem a pena que as mais ricas, as mais intelligentes, as mais civilisadas, as mais progressivas nações da velha Europa, se procurem exterminar umas ás outras por causa d'um punhado d'energúmenos políticos a quem se metteu na cabeça impôr as suas minúsculas pessoas, e os minúsculos interesses dos povos infantis de quem são o porta-voz, ás personalidades e aos povos eminentes que constituem o escol authenticô da espécie!

Bismarck teve certamente a intuição d'esta verdade quando na tribuna do Reichstag, por occasião das testilhas que precederam a guerra de 1877, declarara que «a questão do Oriente não valia os ossos d'um só granadeiro pomerânio»; e a mesma lucidez de visão teve *sir* E. Grey quando, nas negociações que precederam a presente lucta das Potências, não só affirmava a sympathia da Inglaterra pela causa austriaca a propósito do attentado de Serajevo, mas a sua intenção firme de se não involver n'um conflicto por uma questão dos Balkans, em que o seu paiz não tinha interesse algum. Era a linguagem do bom-senso, a dos dous estadistas illustres, o allemão e o inglez. Traduzida em vulgar, queria dizer: «A nações em que os destinos humanos se resumem — que importam a excitação e o barulho em que esses povos infantis passam a vida? As suas desavenças, componham-n'as lá como entenderem, comtanto que não toquem no que é um grande interesse nosso collectivo». Teria sido excellente que a Allemanha conservasse bem frescas na memória aquellas palavras de Bismarck, ao lançar entre a Rússia e a Áustria o seu gládio quando se discutia a nota sérvia.

Mas, emfim, o poderoso gládio foi lançado, e a pretexto infelizmente d'uma contenda provocada pelos anti-

gos súbditos da Turquia, que a independência converteu desde 1878 em cidadãos; e as seis grandes Potências que s'estão batendo em tres largos campos de batalha (excluido o dos Dardanellos por interessar uma nação extra-europeia) precisam agora de contar com a attitude d'esses pequenos povos turbulentos, e mesmo de os tentar attrahir á sua causa. E' um pouco humilhante, — para os libertadores dos súbditos escravizados da Turquia ainda ha menos de meio-século; mas assim o quizeram, assim o tenham. Não souberam regular-lhes por uma vez as pretenções, não souberam marcar-lhes ás rivalidades, insoffridas e perigosas, nem limites determinados nem *modus-faciendi* opportuno e pacífico, não souberam ao menos, por accôrdo commum, isolal-os, localisal-os, oppôr-lhes uma espécie de cordão sanitário ao longo do Drina, Save e Danúbio; e agora as paixões que os sacudiam alastraram, propagando-se até ellas, como a scentelha ao combustivel. A eterna reedição dos mesmos erros! As paixões, altas ou vis, dos pequenos, excitadas e exploradas pelos grandes; as paixões, mesquinhas ou nobres, dos grandes, entretidas e aproveitadas pelos pequenos. Uma immensa intrigalhada, um cahos, um pandemónio, em que já ninguem pode entender-se: eis o espectáculo gratuito que acabaram por offerecer aos pensadores os estadistas notaveis a quem a Europa culta confiara a direcção dos seus destinos.

Bem dizia o Eça de Queiroz, commentando ironicamente a invasão do Afghanistan por um exército inglez: «Antes possuir apenas um quintalejo, com uma vacca para o leite e dois pés d'alface para as merendas de verão...» Se tanta sabedoria no governo dos povos se tem de resolver, afinal, na mais espantosa barafunda que ja-

mais sonhou uma cabeça embriagada, melhor seria, com effeito, que os povos mandassem os seus governantes exímios plantar, — como pittorescamente, senão tão artisticamente, s'exprime o bom senso do nosso povo. É tão viva em todos esses governantes insignes a consciência da enormidade do erro commettido em desencadear os instinctos d'avidéz e ferocidade que dormitam no coração da «besta humana» que chega a ser grotesco o alvoroço com que procuram endereçar-se uns aos outros a iniciativa d'essa obra malfazeja. E' um «Não fui eu, foste tu» que desperta o desgosto ou a tristeza. Anda o mundo inteiro em reboição, e comtudo não apparece uma só figura em destaque, no côro dos pusillánimes ou dos hypócritas, que assuma com orgulhosa intrepidez a sua responsabilidade na sangueira.

A barbarie balkánica é um pouco mais corajosa, e incomparavelmente mais sincera : apressemo-nos a fazer-lhe esta justiça. E agora que a civilisação dos Potentados quasi lhe mendiga a interferência, pode considerar-se bem vingada. Mas pagar-se-ha do seu auxílio, estejamos certos; servir de graça qualquer dos seus antigos bemfeitores não entrou nunca nos seus cálculos. E com esta deliberação ainda se vingá, — até para lhes provar á evidência que é tão civilisada como elles.

A Grécia, de quem vínhamos fallando, é creação quasi exclusiva do romantismo europeu, quer litterário quer político. A Inglaterra deu-lhe magnanimamente as ilhas jónias; a cavalheiresca França empenhou-se pelo seu alargamento para a Thessália; ambas a subtrahiram á sova que os Turcos estavam prestes a infligir-lhe em 1897, e lhe

prepararam a anexação de Creta com a retirada das forças inimigas e a nomeação d'um príncipe grego para o governo autónomo da Ilha; nenhuma das Potências centraes e occidentaes se oppoz, que saibamos, á sua larga expansão para a Macedónia após a guerra da «Liga», nem recentemente á sua occupação da região do Epiro ainda não incorporada n'ella, nem ao debate das suas pretensões ácerca das ilhas do Egeu. Ficaria satisfeita? Não. Acabamos de lêr a notícia, confirmando o que n'outro lugar (pag. 35) escrevíamos, de que, não contente com todas essas acquisições, algumas das quaes de mão beijada, se propõe estender-se para Berat, quer dizer para o Adriático, enquanto os Sérvios s'encaminham por Tirana e Elbassan para Durazzo, e os Montenegrinos para Scutari. Isto significa que resolveu chamar a si toda a Albania meridional, repartindo-se a Albania septentrional entre a Sérvia e o Montenegro. Alegrou-nos a notícia, confessamos francamente; não pela vaidade em vêrmos justificada, embora não de todo por enquanto, a opinião acima expressa (a pag. 19) de que a Itália não andaria bem entrando em guerra a não ser a tempo e horas, mas por n'ella se patentear o *imbroglio* que as grandes Potências não souberam impedir, e que era, todavia, facil de prevêr.

A ser verdadeira a notícia (15 e 16, junho), a situação dos Alliados torna-se com effeito curiosa. A Itália, ao cabo d'uma expectativa de dez mezes e de longas negociações com ambas, denuncia o seu tratado com a Allemanha e a Áustria-Hungria, e delibera entrar na guerra com o grupo dos Alliados na intenção óbvia, e de resto proclamada, de proseguir as suas velhas reivindicações irredentistas (Trieste, o Trentino e o Tyrol), de fazer valer os seus inte-

resses na Albania (onde, como dissemos, occupara já Valona a 29 de dezembro), e de alargar, podendo ser, os seus domínios insulares no mar Egeu. Todos estes objectivos não contrariavam sériamente a Rússia, a França e a Inglaterra, nem, á primeira vista, a aspiração nacional d'uma «Grande-Sérvia» indo do Adriático ao Danúbio, desde que fosse constituída pela Sérvia anterior aos últimos successos da península baltânica, pela Bósnia-Herzegovina e pela Dalmácia, á custa da Áustria-Hungria só, por conseguinte. N'esta hypóthese, que parece ter sido a dos patriotas e políticos sérvios, e salva a questão da oportunidade em intervir, a sua entrada no conflicto, em cooperação com os Alliados, estava naturalmente indicada, e podia sustentar-se até que lhe era imposta.

Mas a Turquia tinha n'elle entrado já, e pela importante diversão que assim promoveu em favor dos impérios do Centro, levantou uma difficuldade muito grave ás aspirações panslavónicas da Sérvia: eis aqui já um contra-tempo que ignoramos se foi lucidamente apreciado pela Itália. A Sérvia, por outro lado, mal succedida nos seus esforços para invadir a Bósnia, e talvez insurreccionar-lhe as populações da mesma origem slava, não achando em si recursos militares, nem provavelmente financeiros, para retomar a investida contra um adversário poderoso, e conjecturando bem que o intervencionismo da Itália representava a renúncia a qualquer esperança de proseguir no seu projecto primitivo na Dalmácia, substituiu-lhe o de attingir o Adriático pela invasão, mais facil, da Albania: eis segundo contra-tempo que não sabemos se o partido bellicoso italiano ponderou com a devida antecedência.

Seria um pouco singular que um Sérvio rude viesse

dar lições de machiavellismo político ao argucioso Italiano; e comtudo, assim parece. E o raciocínio do Slavo crêmos, para tornar mais extraordinária ainda esta aventura, que não foi em extremo complicado. «Se a Áustria vence —raciocinou-se em Nish, ou em Belgrado— evidente que guardará a Bósnia-Herzegovina e a Dalmácia; e a Itália, que não poderá realizar então o seu projecto irredentista, mas é uma grande Potência, terá como prémio de consolação, se não toda, a metade septemtrional da Albania. Senão vence, a Itália não só realizará aquelle sonho, mas imporá o seu irredentismo, podendo, ao archipélago dálmata, mantendo a Áustria quando muito a parte continental d'essa província, e não desistirá das suas pretensões á Albania; não podendo, levará para si toda a Albania, desde Valona ao Montenegro. Em qualquer das hypótheses, e embora na última possamos adquirir algum território interior, vêr-nos-hemos repellidos do Adriático, sem a mínima probabilidade de tão cêdo acalentar de novo este desejo. Por conseguinte, é agora o momento de o pôr em execução».

A resolução da Grécia em cooperar com a Sérvia e o Montenegro, a não resultar das estipulações do tratado a que fizemos allusão, é mais difficil d'intender. Costa não lhe falta (é mais extensa que a da Itália), e não consta que entrasse no seu objectivo nacional estabelecer-se n'um ponto qualquer do Adriático. Dissemos já que o panhellenismo é só para o Oriente, Ásia menor e as ilhas do Egeu, para estas ilhas sobretudo, que formula as suas pretensões, bazeadas nos mesmos argumentos que o fizeram triumphar em Creta e ao norte da Thessália. As notícias telegráphicas accrescentam que são irregulares, e ás or-

dens d'um militar parente do sr. Venizelos, os bandos que vêem cooperando com os Montenegrinos e os Sérvios. Não é pois desde já uma cooperação official. Não tardará porém a sê-lo, se fôr igualmente certo que o partido intervencionista acaba de triumphar nas eleições, e o sr. Venizelos, seu chefe e futuro presidente do conselho, a approvar e a reforçar com tropas regulares a acção d'aquelle cabecilha seu parente. D'aqui julgamos que se deve colligir a existência do tratado, ou accôrdo, a que os jornaes se referiam, e que a sua disposição fundamental consistiria em apoiar a Sérvia, ao tempo da crise balkânica, as pretenções da Grécia ao território a norte da Thessália, de que temos já fallado, e em apoiar esta nação as da Sérvia a uma parte, indeterminada talvez, da costa leste do Adriático. Sendo a Albania domínio turco (crêmos), povoada por mussulmanos quasi toda, e objecto das cubiças da Itália, teremos assim, se os informes que nos chegam são verídicos, esta situação extravagante: a Sérvia e a Grécia em guerra latente, se não declarada, com a Turquia, partidária dos impérios do Centro; e ao mesmo tempo hostilizando a Itália, que se pronunciou ha perto d'um mez pelos Alliados. E' um dos *imbroglios*, e não o mais complicado, a que nos referíamos acima.

A imprensa italiana protesta, e declara-o sem effeito no futuro, contra o procedimento dos dous pequenos povos affectos á mesma causa que o seu paiz vem d'abraçar. Naturalmente, os invasores recentes da Albania não se deixam commover com o alarido, e proseguem na empreza encetada. O que talvez resulte para a Itália da sua intromissão prematura na guerra e na questão complicadíssima dos Balkans, porconsequente da sua política megalomana

que pretende passar por subtil, vêr-se-ha um pouco adeante. Archivemos só o facto de que essa resolução prematura, além d'outras circumstâncias a que teremos de alludir, lhe creou já inimigos onde phantasiara talvez auxiliares. Archivemos ainda que os acontecimentos estão mostrando a exactidão do que (pag. 10) escreviamos: que a aspiração panslavista era palpavelmente uma chimera por lado dos políticos da Sérvia, e que seria, no contrário, aspiração não só muito mais urgente, mas perfeitamente defensavel, acabar com o insulamento prejudicial do seu paíz abrindo-lhe uma larga janella para o mar.

Se não nos enganamos sobre os motivos da inflexão habil que vêem d'imprimir á inutil e inconveniente política adoptada até ha pouco, é provavel que circumscrevam d'ora em diante o seu esforço militar á consolidação do seu estabelecimento na Albania, commettendo indirectamente aos Austríacos a tarefa de entreter os Italianos, que por seu turno affastarão estes seus tradicionaes inimigos das margens do Drina e do Danúbio, e á defeza própria e da Grécia no caso d'uma aggressão, por emquanto só possível, da Bulgária. Por um lado, prestam os dous paízes dos Balkans um bom serviço aos Austríacos permittindo-lhes desguarnecer em parte a sua fronteira do Sul para acudir á sua fronteira occidental—o que na Conferência da paz lhes será levado em conta; por outro, podem atenuar o auxilio da Bulgária á Turquia (se esta, como recentes telegrammas o affirmam, o conseguiu com a cedência da margem direita do Maritza a sudoeste de Andrinopla), forçando-a a immobilisar na sua fronteira macedónica uma parte do seu exército,—o que os Alliados não deixarão, na mesma Conferência, de lhe levar ao seu activo.

Pode esta duplicidade—porque o é—não surtir o effeito desejado, graças a complicações que não ha meio de prever; reconheçamos todavia que revela nas cabeças dos seus auctores uma apreciação arguta das circumstâncias em que téem de se mover, e notavel decisão em tirar partido d'ellas. Pagar-se antecipadamente pelas suas mãos os serviços já feitos, ou a fazer aos Alliados, sem todavia indispor muito contra si os adversários, de maneira a garantir a paga contra quaesquer eventualidades no desfecho, concorde-se em que é egualar, senão exceder os próprios mestres, em agudeza e desembaraço.

Em telegramma de Paris, com a data de ante-hontem 17 de junho), diz-se que a Bulgária se propõe cooperar com a Rumania. Inverosimil, n'uma parte das compensações reclamadas pela primeira; incompleto, pelo que toca ás exigidas pela segunda. Não obstante, façamos como os sábios inglezes, e raciocinemos sobre dados insufficientes, quando não mesmo inconciliaveis entre si. A cooperação nada tem d'extraordinária; os motivos já n'outro logar os expozemos. A entrarem na guerra, os dous povos ou procedem d'harmonia, ou se annullam um ao outro para o auxilio que pretendam levar aos Partidos adversos. A restituição, pedida pela Bulgária, do território entre o Danúbio e o mar Negro que a Rumania lhe conquistou recentemente, torna-se pois acreditavel. Ora, o telegramma de 16, citado acima, affirmava a probabilidade de próximo accôrdo entre a Bulgária e a Turquia, cedendo este paiz á Bulgária a zona, a sudoeste d'Andrinopla, da margem direita do Maritza, ficando assim em território búlgaro toda esta margem e toda a linha férrea que vai de Philippópolis a Dedeagatch,

no mar Egeu. Por conseguinte, a cooperação a que se refere o telegramma discutendo tem de ser interpretada como favorável aos Turcos e aos Austro-alleães,—se, n'este ponto ao menos, ambos os telegrammas são verídicos.

Mas, se consentir na cedência, é claro que a Rumania ha de exigir indemnisação correlativa, e pôr aos Austro-alleães o preço do auxilio que lhe pedem. Deixando de lado quaesquer possiveis convénios económicos e sobre o reembolso de despesas militares, por falta d'elementos para emittirmos a menor conjectura a esse respeito, as compensações a exigir por ella hão de ser territoriaes, principalmente. E aqui repete-se a alternativa que já foi examinada: pagarem-lhe os impérios do Centro (suppondo a Turquia fóra da questão, pelo seu afastamento geográfico) com territórios seus, que só podiam ser a Transylvânia e a Bukovina, ou com territórios inimigos, que seriam só a Bessarábia. Todos elles são contínuos com o ruménico, embora o primeiro fique relativamente isolado d'este pela cordilheira dos Carpathos; em todos é consideravel, e numericamente preponderante talvez, a população da mesma origem e da mesma lingua; todos são egualmente fertes, comquanto a Bukovina seja bastante menos extensa e menos povoada em absoluto que os dous outros; todos são bem delimitaveis das nações a que pertencem, a Bessarábia pelo Dniester, a Transylvânia pelos Bihária, ramificação norte dos Alpes que téem o nome da provincia, a Bukovina pelo alto Pruth; e ha em cada um d'estes últimos territórios um partido nacional, com tendências separatistas. Esta circumstância é natural que insinue á Rumania o desejo de reclamar de preferéncia a annexação da Bukovina e da Transylvânia.

Mas esta velha província, que de primitivamente autónoma passou a ser incorporada, nunca a Áustria a cederia, por comprehensível amor-próprio, pela sua riqueza, populosidade e extensão, e pela resistênciã que opporiam as classes sociaes prevalecentes, de nacionalidade húngara e allemã. É proposta, com certeza, que nem se dignaria discutir, e que nem os negociadores rumenos, provavelmente, se abalançariam a fazer. Por outro lado, a offerta da succulenta Bessarábia, quer dizer, d'um apoio militar e diplomático dos dous impérios do Centro para lhe mudar o senhorio, teria o inconveniente muito grave, por mais convidativa que fosse para o novo proprietário putativo, de ser mais que aleatória; equivalia, e litteralmente n'este caso, a dispôr da «pelle do urso» antes de morto e esfolado o animal. Sem dúvida, seria proposta que a Rumania difficilmente gastaria tempo em debater, e que a Áustria mesmo talvez nem ousasse articular. Resta pois, como hypóthese mais provavel, a cessão da Bukovina, onde não consta que predominem o Magyar e o Allemão, e que não representa um valor essencial nem á prosperidade nem á defeza militar da Áustria-Hungria.

Faltam-nos dados para decidir se o valor do território adquirido indemnitaria amplamente os Rumenos da sua participação na guerra, nas condições que vêem de ser expostas em resumo. Se não indemnizava, o mais provavel é que as negociações referidas pelos jornaes se bazeiem na cedência, seja qual fôr o desenlace d'ella, dos territórios da Bukovina e do sul do Danúbio até ao mar Negro, respectivamente, pela Áustria á Rumania e por esta ao seu visinho meridional; e no caso de victória, no auxílio diplomático dos impérios do Centro para a annexação da

Bessarábia á primeira, e de todos ou parte dos territórios de que se julgou expoliado pela Sérvia e pela Grécia. ao segundo. Por ser condicional, e ao mesmo tempo nada ter de inverosimil, é um compromisso que aos dous impérios não repugnava contrahir, nem aos dous pequenos povos acceitar. De resto, d'aqui a mais alguns dias é de crêr que saibamos o que devemos pensar sobre o assumpto : questão d'esperar o desfecho da grande batalha na região de Lemberg, na Galícia, que telegrammas de Petrogrado, de ante-hontem 19 de junho, dizem imminente.

A hypóthese de nova «Liga» entre as cinco nações dos Balkans contra a Turquia, por consequência a favor dos Alliados, embora não seja absurda, crêmos que é pouco provavel, ainda mesmo que a Rumania cedesse á Bulgária o território de que se fallou acima, e a Grécia e a Sérvia lhe concedessem uma rectificação mais favoravel de fronteiras. A Romélia occidental, pelo menos a Macedónia adjacente á península da Chalcídica, é um pómo de discórdia que não se vê como seja possivel remover-se. As duas últimas nações, com certeza, nunca se resolveriam a uma concessão de tal importância, nem mesmo que se repartam definitivamente a Albania, de os telegrammas a que alludimos são exactos. E para a Bulgária desistir d'uma reivindicação a que se julga com direito, seria indispensavel offerecer-lhe um valor correlativo, que, evidentemente, não poderia ser senão Constantinopla.

Que a magnífica cidade do Oriente lhe venha um dia a pertencer é eventualidade que nem vale a pena discutir-se; que os Gregos, suppondo já que os Sérvios davam á negociação o seu voto approvativo, lhe abandonassem a

Chalcídica com o admiravel porto de Salónica medeante compensação na Albania e nas ilhas do mar Egeu, não merece tam pouco discussão. O dissentimento entre a Bulgária e os seus dous visinhos do Oeste vem a ser pois insuavel, e facto, por consequência, muito pouco verosimil a restauração da antiga «Liga balkánica», a favor de qualquer dos grupos das Potências que se batem, ou só n'um intuito exclusivamente defensivo. Se, finda a guerra, as Potências não lhes impozerem uma remodelação de fronteiras capaz de descontentar menos as rivalidades nacionaes, ou melhor, as ambições em conflicto—o que será muito difficil—só uma lucta ulterior entre os pequenos povos interessados dirimirá a pendência que a recente partilha da Romélia originou. Ora, uma intervenção solidária das Potências com esse fim, quando questões bem mais graves precisam de resolver umas com as outras em termos amigaveis, quer-nos parecer pouco provavel, desde que procuram agora arrastal-os ao seu partido, por consequente aggravar ainda as dissidências que os separam, tornando-se, d'este modo, cada grupo belligerante o patrono d'aquelles que lh'o tenham desposado.

Resumindo a situação dos paizes dos Balkans perante o conflicto das Potências, parece que a podemos fixar do seguinte modo:

A' Rumania e á Bulgária conviria, por motivos internos e pela indecisão do resultado do pleito que se ventila entre as Potências, proseguir na attitude neutral que até agora téem mantido. Se porém outros motivos as obriga-rem a rompêl-a, achamos provavel que adoptem o partido dos Austro-allemaes, por ser o que lhes pode garantir

desde já algumas compensações territoriaes que não exigem a condição preliminar d'uma victória.

A Sérvia, que já não pode subtrahir-se á lucta de que foi causa immediata, não crêmos que possa nem deva realisar outro objectivo que não seja estabelecer-se na costa albaneza do Adriático, por ser a única que lhe resta accessivel desde que a Grécia lhe interceptou a sahida para o Egeu, e a opposição da Áustria e simultaneamente da Itália lhe será estorvo invencivel para se approximar sequer da orla maritima da Dalmácia. Para consolidar a occupação ser-lhe-ha talvez preciso, por necessidade de se defender tambem do lado do Drina e do Danúbio, contar com o auxilio da Grécia, e abster-se d'hostilizar a Rumania e a Bulgária no caso em que tomem partido na guerra pelos Austro allemães. O seu papel militar na contenda parece-nos que terá de ser d'ora em deante, por essa razão, exclusivamente defensivo.

A Grécia, neutral até agora, julgamos que faria melhor em proseguir n'essa attitude, na hypóthese de a poder conciliar com os seus bons-officios á Sérvia, como se deu na invasão recente da Albania. As suas aspirações, porém, ás ilhas septentrionaes do mar Egeu é de suppôr que a obriguem a rompêl-a, e n'este caso, sem dúvida, a favor dos Alliados. É o que se pode chamar uma cartada feliz, se estes vencerem; sendo vencidos, deverá considerar-se venturosa se, no apuramento final das contas mútuas, lhe foram apenas as ilhas e n questão lançadas no passivo.

Quanto ao Montenegro, esse, claro, é um simples associado da Sérvia, e correrá pois todas as vicissitudes que o Destino reserve á sua visinha e sua irmã.

*

* *

É tempo de retomar este pequeno trabalho, interrompido desde fins de junho á espera de novos desinvolvimentos da complicadíssima questão. À parte uma ou outra correção de factos ou de forma, vai tal qual o havíamos escripto.

Vieram desde então, com effeito, alguns d'esses desinvolvimentos esperados até hoje, 12 de setembro, em que resolvemos terminal o. Tão incompletos, e sobretudo tão embrulhados que mais próprio seria dar-lhes a denominação *d'involvementos*. Por este leve apanhado das notícias que os jornaes têm publicado forme o leitor o seu juízo:

A 22 de julho davam os jornaes inglezes como assignado o convénio turco-búlgaro, anteriormente annuciado várias vezes, mas attribuindo-lhe um alcance apenas económico. Dias depois, a 26, os ministros da Bulgária em Londres e Paris vêem affirmar, em nota officiosa, que o seu paiz não abdicaria nunca da liberdade d'acção para a cedência total da linha férrea de Dedeagatch (margem direita do Maritza), sobre cuja posse constava, parece, ter havido uma transacção entre os dous paizes interessados. E, a 10 d'agosto, dizia a Havas que as Potências alliadas tinham feito propostas d'um accôrdo balkánico aos governos da Bulgária, Sérvia e Grécia. D'aquí, e de se haverem (a 3) communicado impressões, no sentido de o fazerem abortar, entre os governos da Sérvia, Grécia e Rumania, julgar-se-hia deprehender que o convénio turco-búlgaro era um facto, com a ressalva da nota officiosa claro é, e que

a sua índole não seria então apenas económica. D'outro modo a commoção da Quádrupla e dos tres últimos paizes não se comprehende. Quaes serviços, ou compensações, reclamaria a Turquia da Bulgária é o que os telegrammas não diziam.

Entre a remessa da nota collectiva da Quádrupla (talvez a 9 d'agosto) e a declaração de guerra á Turquia pela Itália a 21, mais telegrammas de diversa procedência informam successivamente: a 12, que 300:000 Allemães se concentravam na Bósnia-Herzegovina contra a Sérvia; a 13, que a Grécia, em resposta á nota da Quádrupla, recusara a cedência do porto de Cavala, proseguindo comtudo em negociações com a Sérvia a propósito da Bulgária, e a Rumania negava ao bloco dos impérios a passagem de munições; a 18, que, tendo-se aberto a câmara grega e a crise ministerial, fôra o sr. Venizelos incumbido de formar novo governo; a 19, que a Grécia continuaria neutral, por se «terem modificado as circumstâncias», e a Sérvia que, segundo affirmara o chefe do governo, se suicidaria cedendo aos pedidos da Bulgária, dava plena liberdade d'acção á Quádrupla, segundo publicava a imprensa officiosa a 21, relativamente ás pretensões d'este paiz.

Durante este curto período de doze dias, as occorrências mais notaveis teriam sido, pois, d'um lado o triumpho, com a ascenção ao poder do sr. Venizelos, do partido da guerra em favor dos Alliados, do outro a resolução contradictória da Sérvia em face das reivindicações insistentes da Bulgária. Sérvia e Grécia declaram-se a principio contrárias a concessões a este visinho; depois a Sérvia dá a este respeito carta branca aos Alliados, e a Grécia, embora disposta á belligerância em favor d'elles, e em per-

feito entendimento (talvez aliada mesmo) com a primeira, resolve proseguir na anterior neutralidade, — pelo menos (segundo telegramma ulterior de 24) até que outra nação balcânica intervisse. Haverá por ali quem desenrede esta meada? Do convênio turco-búlgaro tinha-se rumorejado antes que falhara, ou que pelo menos as negociações para elle estavam interrompidas.

Mas eis que, a 22, tornam os fios a dizer que não fôra tal posto de lado, é além d'isso que a Bulgária ultimara um aecôrdo com a Rumania (de certo, sobre rectificação de fronteira na Dobrudja e passagem de munições), e concluiria outro em breve com a Sérvia (sobre a sua fronteira d'esse lado, certamente), ambos «fôra de qualquer intervenção da Grécia». O convênio turco búlgaro, com a reserva de se discutir ainda a cedência á Bulgária de Kırk-Kilisseh e de Midia, é confirmado nos seus pontos principais por noticias de 29 e 31, e desmentido logo a 1 de setembro pela Havas. Do accôrdo búlgaro-sérvio não se torna a receber informações; do búlgaro-rumeno se diz de Roma, em 1 de setembro também, que proseguem as negociações a bom caminho.

Entretanto, annuncia-se de Londres, a 26 d'agosto, que se opera concentração de forças austro-allems ao norte do Danúbio; de Roma, a 28, que cresce a tensão entre os impérios do Centro e a Rumania; de Bukarest, a 31, que os primeiros dirigiram á segunda um *ultimatum* sobre a questão das munições; de Paris, a 1 e 4 de setembro, que a Rumania declarou zona militar certos pontos da sua fronteira com a Áustria, concentrou 150:000 homens em Turnu Severin (margem esquerda do Danúbio) na sua fronteira servo-austriaca, e que vário material de guerra

chegara a Neusatz e Wercketz, cidades não longe da fronteira da Áustria com a Sérvia. E viu-se comtudo, no telegramma de Roma (a 1 de setembro) citado a cima, que as negociações entre Rumania e Bulgária proseguiam em bons termos. Percebe alguém esta embrulhada?

Para a desfazer, ou tornar ainda menos comprehensível, pôde lêr-se mais, a 5 de setembro (Madrid), que chegara a Sofia o príncipe de Wurtemberg incumbido de missão d'alta importância; a 8 (Roma) que a Bulgária interrompera o tráfego ferro-viário para a Grécia e prohibira a entrada de Gregos no seu território, não obstante as suas negociações com ella e com a Rumania (8, Paris) para o transporte de mercadorias para Salónica; a 9 (Athenas) que o sr. Venizelos conseguira reunir para uma próxima conferência n'esta cidade marítima os presidentes dos governos grego, sérvio, búlgaro e ruménico com os respectivos addidos militares, e negociava ao mesmo tempo (Athenas) com os ministros da França e Rússia para a colaboração da Grécia na próxima tentativa de forçar os Dardanellos; a 10 (Bukarest) que o Governo búlgaro se fixara n'este ponto de vista, textual: «Se a Quádrupla a convencer de que, depois de se bater contra a Turquia, não será obrigada a bater se contra a Sérvia e a Grécia para reconquistar a Macedónia, a Bulgária marchará immediatamente contra a Turquia».

Portanto, Grécia em tensão com a Bulgária, mas negociando com ella o trânsito de mercadorias por Salónica; Bulgária a negociar com Sérvia (a 22) independentemente de qualquer intervenção da Grécia, mas a assentir a uma reunião (a 9 de setembro) dos balkânicos convocada pelo sr. Venizelos para Salónica, e a desconfiar tambem de que,

se fosse levada a colaborar activamente com a Quádrupla, teria de se bater depois com a Sérvia e a Grécia, como antes já lhe acontecera. Seria o príncipe de Wurtemberg a causa indirecta da conferência a que se allude, e quem poria a Bulgária de sobre-aviso contra ella? Assim parece; porque, logo a 11 (Zurich), volta o télégrapho a dizer que, não obstante faltar confirmação official, fôra assignado um novo convénio turco-búlgaro, que a Bulgária continuava a regatear com a Sérvia, a Grécia a manter uma attitude expectante, e a Quádrupla a intervir junto do sr. Radoslavoff (presidente do ministério búlgaro) para se discutir a nota sérvia.

N'este último telegramma (de Salónica) accrescentava-se que, fosse qual fosse o resultado d'estas discussões iniciadas com a Quádrupla, a Bulgária apenas se comprometteria a guardar uma neutralidade amigavel com o bloco dos impérios, e jámais a combater ao lado d'elles; e n'um (de Roma) do dia immediato que se desmentia a conferência dos quatro paizes em Salónica, *mas* que, para obstar ás consequências da attitude hostil da Bulgária, tinham sido já tomadas diversas medidas pela Quádrupla. Parece pois, com effeito, que a presença do alto emissário dos impérios do Centro é que produziu a mudança na situação dos Balkans na semana decorrida entre 5 e 12 de setembro, a que alludia o telegramma de Zurich; e que esse personagem allemão se limitara a pedir á Bulgária uma attitude neutral benévola, a que alludia o de Salónica.

Se isto assim fosse, a posição dos paizes balkánicos, relativamente uns aos outros e aos dous grupos de Potências contendoras, principiaria a acclarar-se um pouco atravez das notícias disparatadas e confusas que ha cêrca

de mez e meio lêmos nos jornaes, e de que vimos de fazer o resumidíssimo extracto. Mas, na realidade, impossivel saber como essa immensa intriga diplomática tem decorrido, e continúa a decorrer. O que ha de positivo por'ora é só que a neutralidade dos tres, Bulgária, Grécia e Rumania, apesar da tensão austriaco-rumena annunciada, e apesar tambem da nova tentativa para forçar o estreito, que os derradeiros telegrammas dizem próxima, não foi ainda quebrada em nenhum d'elles. Aquella posição parece tel-a bem definido o jornal suisso «*Neue Zürcher Zeitung*» quando escreve (telegr. de 11): «Só um éxito definitivo nos Dardanellos poderia induzir os Balkans a adoptar uma attitude decisiva». O leitor lembrar-se-ha do que em junho passado tínhamos escripto já a este propósito (pg. 15, 27), e poderá vêr o que no anterior opúsculo dissemos (pg. 70 e seg.) sobre as tentativas que se vinham fazendo para re-constituir a «Liga baltánica», no intuito de a tornar um instrumento de aggressão contra a Turquia. Entenda-se porém que, trasladando em resumo para aqui os telegrammas principaes recebidos, desde então, d'esse agitado Oriente, quer por via indirecta quer directa, não tivemos em mira comprovar opiniões ou previsões a que tínhamos chegado. Foi, ao contrário, intenção nossa precaver todo o leitor de boa fé contra conclusões precipitadas, pondo-lhe nitidamente deante dos olhos o confuso, o tendencioso, o inexacto, o incompleto da maior parte dos informes que, sobre o caso o telégrapho transmittite. Em face d'elles, ficou já, por certo, bem edificado.

Aproveitando-lhes então apenas o que tenha probabilidades a seu favor, e sobretudo o que n'elles possa haver

de positivo, concluamos em breves palavras o que nos restava a dizer sobre o restricto, mas revoltíssimo, recanto da Europa onde os grupos belligerantes se disputam diplomaticamente o predomínio. Claro que o problema dos Balkans só pode interessar por emquanto na medida em que a attitude das quatro pequenas nações poderá influir no desfecho da lucta que vem sendo travada na península de Gallipoli. A hypóthese mais simples, e tambem a mais provavel se a situação militar permanecer indecisa n'esse e nos outros campos de batalha, vem a ser a de continuarem neutraes, embora benevolmente em relação a qualquer dos grupos contendores, a Grécia, a Bulgária e a Rumania. Na pendência a dirimir nos Dardanellos, cada grupo tem pois de contar com os seus recursos militares exclusivos, e o resultado depender só da superioridade affirmada por um d'elles em effectivos e em planos estratégicos, mantendo-se eguaes as restantes condições. Possibilidade de reforçar effectivos que ultrapassem, e muito além, os do inimigo occorre apenas para a Quádrupla, quando a Itália consinta em os enviar; porque não são os tres outros allia-dos, por evidentes motivos, que os poderão dispensar n'este momento. A collaboração do reforço italiano, que julgamos não dever ser inferior a meio milhão de combatentes, ficou já dito em diverso trabalho (*«A situação militar europeia»*) que não seria util no território continental turco da Europa, nem mesmo em Gallipoli a não ser em parte mínima, para preencher baixas e auxiliar a offensiva, mas na região da Ásia adjacente do estreito, para lhe reduzir as fortificações de concerto com a esquadra. Se a difficil operação fôr exequivel, embora a venha dificultar mais a proximidade do inverno, de maneira a que os exér-

bitos tenham attingido, por uma e outra orla, o mar de Mármara, e a esquadra substituído pelo porto de Gallipoli a sua actual (crêmos) base d'abastecimento e d'operações na ilha de Tenedos, deixou se também já dito que a redução de Constantinopla não ficaria assegurada; os Alliados porém teriam conseguido uma semi-victória que lhes daria tempo de preparar esse acontecimento decisivo. Das suas novas posições, é claríssimo que os Turcos, com os seus recursos apenas, não conseguiriam arrancal-os, visto não lhes haverem impedido o accesso d'ellas. Bulgária e Rumania, segundo a hypóthese feita, não permitiriam a passagem através do seu território d'um exército austro-allemao. Porconsequente, para valer aos apuros da Turquia, que uma forte pressão russa na Transcaucásia tornaria talvez incomportaveis, teriam os impérios do Centro ou de passar com esse exército por cima dos paizes balkánicos que lhe embaraçassem o caminho, ou de promover uma diversão susceptível de paralyzar por algum tempo as operações dos Alliados, até que um golpe ferido na Europa precipitasse o desfecho do conflicto, ou, não se dando esse golpe, d'achar outro meio de conduzir a Constantinopla os reforços necessários, de resto promettidos consoante informações d'um telegramma recente. Ora, diversão grave só uma revolta na Tripolitana e Cyrenaica, alastrando-se rapidamente para o Egypto; e nada annuncia que venha a produzir-se, pelo menos nas proporções que figuramos.

Ess'outro caminho para a remessa de reforços só o mar Negro—o que exigia a occupação preliminar da Besarábia, e a segurança relativa do transporte d'elles pela destruição ou annullação da esquadra russa; e estas duas condições não parece muito facil garantil-as.

Resta, assim, abrir passagem atravez da península balcânica, quando não fôsse possível, ou fôsse demasiado aventuroso, ensaiar na França o «golpe mortal» a que no opúsculo citado atraz nos referíamos. Sômente aos profissionaes pertence discutir qual seria o melhor plano a seguir pelo bloco dos impérios para prevenir ou dominar depressa a resistênciã dos tres paizes, e fazer chegar sem impedimentos á Turquia tanto o reforço preciso para cortar aos Alliados o accesso á orla asiática do estreito, e sobretudo ao mar de Mármara, como todo o material que não lhe fosse possível fabricar ou adquirir por outro processo. Quanto a nós, julgamol-o, independentemente da forma que viesse a receber, uma questão apenas d'effectivos, e de rapidez na execução. As tres nações ameaçadas poderiam alinhar contra o invasor 900:000 soldados quando muito, e 600 ou 700 mil, no máximo, se o plano d'invasão excluísse a Rumania, como excluiriã a Grécia com certeza; e os Austro-allemaes facilmente reúniriam talvez um milhão d'homens, sem contar com o exército de Turcos operando em combinação com elles na fronteira sudeste da Bulgária, e que não seria exaggerado computar em 300:000 soldados.

A rapidez d'execução, essa depende de factores e d'incidentes que não é possível calcular, alguns ao menos, com antecedência e tal qual exactidão. Uma cousa, todavia, se nos affigura indubitavel, e vem a ser que os obstáculos a remover pelos invasores dos Balkans não seriam maiores, nem mesmo absolutamente, do que os naturacs e artificiaes a vencer pelos Alliados no littoral do sul dos Dardanellos. De sorte que, se não fosse possível, e é quasi certo que não era, impedir o desembarque e consolidação d'estes n'um

ponto qualquer entre, por ex., o estreito e o golpho de Adramyti, sel-o hia talvez a sua marcha ulterior ao longo d'elle, e portanto a sua approximação do mar de Mármara. Mesmo com o «poderoso e flexivel machinismo» naval de que fallava Mr. Churchill no seu discurso de 15 de feve-reiro, o transporte de 500:000 soldados com o seu material completo de campanha leva tempo. Mais tempo levariam por certo a occupação, alargamento e fortificação consecutivos de posições no porto ou ponto costeiros onde se effectuasse o desembarque. Suppondo que essa expedição asiática principiava com o mez, por ex., d'outubro, difficilmente ficaria, antes de dezembro, concentrado n'esse ponto ou porto um exército numericamente capaz de proceder, com método e com auxilio da esquadra, á destruição dos reductos e baterias do estreito, e de manter a distância o inimigo.

Gastariam os Austro-allemaes muito mais tempo em fazer chegar ahi aos Turcos 300 ou 400 mil homens de reforço atravez da Sérvia e da Bulgária? Os profissionaes que debatam ainda essa questão. Admittindo que lhe dão resposta affirmativa, e que portanto exércitos e frota dos Alliados tinham attingido o mar de Mármara, não crêmos que a redução da orla asiática do Bósphoro e das fortalezas turcas da fronteira da Bulgária, preliminar indispensavel ao cêrco e rendição de Constantinopla, podessem sequer ser comprehendidas antes que o reforço em questão chegasse ao seu destino. E repare-se em que estamos suppondo reluctância absoluta da Bulgária em lhe conceder trânsito livre, porque o facto é que a sua attitude tem sido até agora d'uma benevolência indiscutivel para com os Austro-allemaes.

Ponhamos, pois, de lado a hypóthese indicada. A neutralidade dos tres paizes, sem lhe constituir um obstáculo propriamente, pouco ou nenhum auxilio indirecto prestaria ao plano que vimos de attribuir aos Alliados. Exceptuemos só o caso de ser possivel a estes empregar na sua execução effectivos bastantes para cobrir, e com larga margem, os do exército turco reforçado por aquelle modo; mas é intuitivo que não tem nada de provavel.

A de se dividirem os paizes baltánicos em dous grupos belligerantes, um favoravel á Quádrupla, outro ao bloco dos impérios, qualquer que fosse a constituição de cada grupo, é tambem intuitivo que redundaria, afinal, em beneficio do bloco desde que no favoravel a este s'incluisse, ou o constituísse apenas, a Bulgária, pela razão singela de ficar bem garantida a passagem de material e de reforços.

Só a reorganização da «Liga baltánica», como se disse, representaria uma ajuda talvez decisiva para o éxito do plano que os Alliados se propunham. Mas com as seguintes condições, conforme tambem se fez notar n'aquelle opúsculo: que a «Liga» se reorganísasse antes que os Austro-allemaes, pela consolidação da sua nova frente oriental, podessem retirar d'ella effectivos que boas auctoridades no assumpto téem calculado não descerem de 1.000:000; que a Itália, ou a Itália e a Inglaterra, que são as únicas nações dos Alliados que disporão de tropas frescas, se resolvessem a expedir para a Ásia menor um exército com effectivo, pelo menos, de metade. Este exército, mesmo com deducção de perdas soffridas na margem sul-oriental dos Dardanellos, chegaria para ir seguidamente ao sul do Bósphoro emprehender egual operação. Os baltánicos, que poderiam mobilisar de certo um milhão d'ho-

mens, bastariam, julgamos, para conter na Rumania ou na Sérvia a invasão do inimigo, por moderados que fossem um recrudescimento da offensiva alliada nas outras linhas de fogo e uma demonstração russa paralela na Bukovina ou na Moldávia, e para invadir por seu turno o território da Turquia de concerto com o exército alliado que operava em Gallipoli. A esquadra, claro está, faria o resto. Era uma perspectiva seductora; porisso a diplomacia da Quádrupla tanto se tem empenhado pel'a converter n'uma realidade positiva. Até hoje, porém, não ha o menor indício de que tenha triumphado n'esse empenho.

É preferivel pois dar por uma vez de mão a phantasia, e apreciar a situação balcânica tal qual os factos nos levam irresistivelmente a consideral-a.

Na nossa opinião, meia dúzia de largos e nítidos traços a definem: os quatro povos (incluindo na Sérvia o Montenegro) não s'intendem, nem jamais poderiam intender-se, a não ser contra a Turquia; desconfiam e receiam uns dos outros, principalmente depois do esbulho de que foi, ou se crê, victima a Bulgária; todos se sentem na dependência das grandes nações que os ajudaram na reivindicação da sua independência, por conseguinte e particularmente do grupo que sahir victorioso, e dominar amanhã Constantino-
noplá.

Afóra a religião, que é a orthodoxa, dissémos já não subsistir um laço que os prenda. A raça é diferente: os Sérvios são slavos, os Búlgaros finlandezes, os Gregos têm-se como representantes dos Hellenos, e é certo que não se confundem ethnologicamente com os seus vizinhos nem com os Rumaicos, que se dão por descendência dos

colonos de Itália estabelecidos no baixo Danúbio no tempo de Trajano. Diversa é a lingua: o rumeno, que é parente do latim; o grego, que é um dialecto do mesmo idioma clássico; o sérvio e o búlgaro, que são variedades do slavo. Tradições históricas são ainda divergentes; e restrictamente nacionaes não ha senão duas, a sérvia e a grega, e d'importância muito desigual.

A Sérvia só nos séculos XII-XIV existiu como nação independente, teve algum poder e tal qual brilho; antes e depois, esteve sempre sujeita aos seus vizinhos (incluindo Búlgaros e Gregos), o último dos quaes foi o Turco depois da célebre batalha de Kossovo em 1389. A Grécia foi alternativamente dominadora e dominada. Rumenos e Búlgaros nunca formaram o que se chama politicamente uma nação: os primeiros só chegaram a constituir dous principados, a Moldávia e a Valáchia, que representassem na história um papel; os segundos, nem talvez isso, — eram um simples ramo destacado dos Finlandezes que estanciavam entre o Don e o Dnieper, e que a Rússia *slavison*.

A Bulgária, sob a forma d'um principado autónomo é uma criação das Potências em 1878, após a guerra turco-russa, e foi verdadeiramente Stambulof quem pela sua firmeza e habilidade, e um pouco tambem pela sua tyrannia (de 1886 a 1894), soube fazer d'ella uma nação, embora sob a suzerania turca até 1908. A Rumania foi obra de si mesma e obra russa, sobretudo desde 1856, depois da guerra da Crimeia, em que se constitue sob o nome de «Principados-Unidos» (da Moldávia e da Valáchia) até 1878, em que se torna de todo independente. A independência da Grécia, anterior á de todos os balticos, consummou-se em 1829, e resultou da sua grande insurreição de

1820 e de luctas em que a Europa inteira tomou parte ; ao romantismo europeu, como fizemos notar já, se deve attribuir essa dádiva precoce. A Sérvia surge por 1820 como um «*pachalik*» tributário do Sultão, em parte por insurreições contra ou intendimentos directos com os Turcos, em parte por auxilio intermittente ora da Rússia ora da Austria ; e só adquire a independência em 1878.

Vê-se pois que a Bulgária não possuía o que se chama uma tradição nacional, e que a Rumania só n'um sentido especial e limitado o possuía ; é por isso que são, rigorosamente, criações do espirito europeu, e apparecem mais tarde no movimento geral que, no século findo, auxiliava a formação de nacionalidades onde quer que alguns germens facilitassem a applicação d'esse princípio, exceptuadas porém a Irlanda e a Polónia. A Sérvia, e sobretudo a Grécia possuíam-n'a ; eis o motivo principal por que são resurgimentos espontâneos, embora poderosamente favorecidos pela Europa, e apparecem mais cêdo e pela ordem que reconhecem os valores da tradição nacional de cada uma.

Fizemos igualmente observar que differem entre si pela composição em classes, a cultura e as formas prevalentes da actividade social. A Rumania era a única onde havia uma aristocracia territorial própria (*os boyards*), que hoje constitue a massa do partido conservador, affecto aos Alliados enquanto as classes liberaes (advogados, etc.) e a burguezia o são aos Austro-allemaes, sendo o grosso da população formado por servos adstrictos á gleba, que Alexandre de Cuza libertou. A Grécia foi sempre um povo de commerciantes e marinheiros, espalhados por todas as ilhas e portos do Mediterrâneo oriental, espiritualmente

governado por uma minoria culta, imbuída de recordações da Héliade clássica. A Sérvia e a Bulgária, mais duramente submettidas ao jugo da Turquia, talvez por se distinguirem pelos hábitos e tendências militares, eram quasi só constituídas pelas *raias*, camponeses sujeitos a proprietários mussulmanos. A Rumania e a Grécia eram, e são hoje ainda, os mais instruídos dos baltánicos, como são também os menos bellicosos. A Grécia continúa a ser uma nação marítima, colonizadora e commercial por excellência; Sérvia, Bulgária e Rumania, essencialmente agricultores.

Todas estas divergências, até mesmo religiosa desde que os Búlgaros conseguiram uma igreja nacional independente, que já tornariam muito difficil um accôrdo, são ainda aggravadas pelas aspirações e ambições que cada um d'esses pequenos povos prosegue e procura realisar em separado, isto é, sem attenção, e mesmo em prejuízo d'análoga ambição e aspiração do seu visinho. Quando, em 1885, se reuniu á Bulgária a Romélia oriental, os Sérvios, sob pretexto de que este engrandecimento prejudicava o equilibrio nos Balkans, invadiram o território do visinho, que os bateu, e lhes invadiu por seu turno o território. Quando, ha quasi tres annos, a «Liga» arrebatava á Turquia quasi tudo quanto lhe restava na Europa, os Sérvios e os Gregos colligaram-se para impedir, no anno immediato, que a Bulgária annexasse a Macedónia, repartindo-a entre si; e a própria Rumania, apezar de não ter interesse algum directo na questão, interveio para subtrahir á Bulgária uma zona da sua fronteira da Dobrudja. Recentemente, já depois que a grande lucta rebentou, viu-se atraz que a Sérvia s'estendera pelo norte da Albania até Durazzo,

e a Grécia occupára o resto do Epiro, e se alargara ainda para o sul d'aquelle paiz até Berat. Comprehende-se, pois, bem que estes e outros factos tenham tomado inextinguivel o resentimento dos Búlgaros, aprofundado mais os dissentimentos que existiam entre esses quatro povos que se disputam uns aos outros a herança turca e a prevalência na península, e cortado com a esperança d'um accôrdo mútuo espontâneo, até mesmo para intentar novo despojo da Turquia.

Para concluir esta obra de desunião e recíproco ciume, as grandes Potências, que poderiam ter, senão impedido, regulado com a possível equidade mais esse desmembramento do império turco, deixaram a questão resolver-se pelas armas, e ellas próprias enredar-se na teia das ambições, austriaca e russa, pelo predomínio em Constantino-
pla e na península dos Balkans. A Rússia tornou se protectora officiosa da Sérvia, declarando no Congresso de Londres, em que se procurou dar á crise balkânica uma solução pacífica e satisfactória para todos os paizes interessados, que a menor tentativa contra a sua tutelada seria para ella um *casus belli*. A Áustria, embora assentindo ás resoluções ahi tomadas, depunha tanta confiança nos fructos d'esse, ímprobo labor para a paz geral, de resto intentado com verdadeiro despreendimento quasi só pela Inglaterra, que, ao dar-se o attentado de Serajevo, resolveu logo invadir a Sérvia e castigal-a; e o chancellier conde de Berchtold declarava a *sir* M. de Bunsen nunca «ter tido grande fé na permanência d'aquelle accôrdo», pelo antagonismo profundo entre os interesses em debate. Isto quer dizer, por outras palavras, que um entendimento mútuo dos balkânicos não seria nunca d'esperar quando as gran-

des Potências não s'intendiam entre si, graças á rivalidade russa e austro-húngara, e por conseguinte dos respectivos aliados, para regularem amigavelmente a questão. O trabalho de cada grupo belligerante para os trazer collectivamente ao seu partido será, pois, não só inutil, mas uma prova de fraqueza, e no fundo uma imprudência que ainda podem vir a pagar caro. Os Austro-allemaes, a avaliar pelo theor de telegrammas recentes, ainda se téem limitado a pedir á Bulgária e á Rumania uma neutralidade benévola, para a passagem de munições e material de guerra, eventualmente de soldados. Mas a Quádrupla, infelizmente, não se contenta com tão pouco, e reclama a reconstituição da «Liga» e a sua entrada em scena contra os Turcos.

É o caso de se dizer, na phrase popular — « valha-nos Deus »! O auxilio que esses pequenos povos prestariam não ha dúvida em que seria precioso, talvez até fundamental: dissemol-o atraz, e repetimol-o. Mas não são ricos; estão sangrados por duas guerras successivas; carecem de paz para se refazerem das perdas que lhes coube, em dinheiro e em soldados, e valorisarem o território adquirido; olham-se com desconfiança e alguns com aversão; sentem-se ameaçados pela Rússia e pela Áustria, seus poderosos visinhos do Norte, e ao mesmo tempo pelo futuro senhor dos Dardanellos e pela Itália na Albania; e por cima de todas estas fortes razões para a abstenção, vêem mais de incerto e remoto desenlace, por'ora, o formidavel conflicto. Como arrancal-os da quietude, suppondo-a mesmo forçada, em que vivem ha dous annos para os riscos, as despezas, os embaraços, actuaes e futuros, que uma intervenção activa e em massa lhes traria?

Se a Quádrupla lhes provasse que a victória lhe virá sempre a caber, e lhes sanasse préviamente os dissentimentos que os separam, quando lhes não abrisse nova perspectiva ás ambições e aspirações, ainda talvez se resolvessem a embarcar no projecto em prol da «Liga». Mas como lhes poderia dar tal certeza, ou sequer a garantia segura de que os compromissos, territoriaes e outros quaesquer, tomados hoje seriam amanhã religiosamente respeitados? Evidentemente, se a Quádrupla lhes sollicita a collaboração é porque ella se lhe torna indispensavel, e porisso condição da victória final da sua causa. Sentindo se, por este modo, árbitros da situação militar, pelo menos na Turquia, poriam naturalmente o preço ao serviço que prestavam; e tal seria elle que a Quádrupla se veria forçada a rejeital-o, ou a desistir d'algum dos importantes objectivos que aconselharam a expedição. No pedido havia já manifestação involuntária de fraqueza; e haveria uma imprudência grave para o futuro se entre as concessões figurasse, por ex., a da menor ingerência em questões essencialmente collectivas, que só á Europa, ou pelo menos a um grupo solidário de Potências europeias, cabe decidir.

Mas, peiores ainda talvez que os dissentimentos mútuos e a incerteza do remate da gigantesca lucta entre as Potências, véem a ser a complicação introduzida no problema balcánico pela intervenção n'ella da Itália, e o desconhecimento dos verdadeiros intuitos da Quádrupla resolvendo a expedição aos Dardanellos.

Que mais tarde ou mais cedo interviesse, e preferisse o grupo dos Alliados, nunca foi para nós objecto d'uma

dúvida. Apesar de financeiramente pouco forte, e não sabemos ao certo se ainda um tanto resentida dos elevadíssimos encargos com a guerra da Abyssinia e da que lhe deu ha pouco (1911) o domínio da Cyrenaica e da Tripolitana, e com o augmento constante da sua marinha e do seu exército, a Itália alimenta múltiplas ambições, que aliás o seu eminente papel histórico e civilizador, em grande parte, justifica.

No Adriático aspira a ser a Potência, senão exclusiva, dominadora. Isto explica porque o seu *irredentismo*, não obstante reivindicar com a mesma força e com o mesmo fundamento Nice e a Córsega, que são da França, e Malta, que pertence á Grã-Bretanha, sempre se manifestou, e acaba de se manifestar, de preferência pelas reivindicações dos paizes austriacos de idioma italiano. O seu ideal seria repellir de toda a costa da Ístria e da Dalmácia o seu velho oppressor e rival, e obstar a que elle, ou outro visinho audaz-e arguto, se installasse, ou prevalecesse no emtanto, na Albania.

A mesma aspiração entretem em relação ao Mediterrâneo oriental. A conquista d'aquellas dependências turcas do littoral norte africano, e a occupação das Spóradas no littoral da Ásia-menor, até á data sob o governo da Turquia tambem, foram as primeiras tentativas para a converter em realidade. Da Turquia, claro que não teria a temer uma opposição insuperavel; e a França, que visava a prevalecer sobretudo no Mediterrâneo occidental, assim como a Inglaterra, que tinha a sua posição em todo elle regularmente garantida, sabia ella bem que não lhe veriam a expansão para o Oriente com apprehensão nem com ciúme. O seu principal concorrente ainda aqui seria a Áustria,

pelas suas conhecidas pretensões, que são também necessidade imperiosa, a ter sob a sua influência a via férrea e o porto de Salónica. Novo motivo, assim, para não conservar uma neutralidade indefinida, e se lançar opportunamente no partido dos Alliados.

Ora, o momento escolhido para o fazer seria opportuno?—eis a questão. Quer-nos parecer que não; que, sem termos o intuito ridículo de considerar menos sagazes e patriotas os estadistas que a governam, a Itália realisaria talvez melhor aquelles seus diversos objectivos, e serviria com mais seguro éxito a causa commum dos Alliados, reservando quanto possivel a sua intervenção para o momento em que tivesse a quasi certeza de a decidir favoravelmente. Recordam-se bem os leitores de que ella deliberou intervir em fins de maio, tres mezes depois de iniciadas as operações nos Dardanellos, quando s'estava accentuando desfavoravelmente para os Russos a investida austro-allema, e promettia longa demora a dos Anglo-francezes contra aquella passagem obrigatória para Sambul. Sob este ponto de vista, a oportunidade da sua intermissão na guerra pareceria incontestavel, poisque podia ser intepretada como auxilio indirecto aos Alliados pela distracção, para a fronteira dos Alpes, d'uma parte do exército da Áustria-Hungria, e pela paralysação total da esquadra d'este paiz no Adriático.

Não sabemos se a impozeram estes dous objectivos. O que se viu, porém, foi que a diversão não teve effeito apreciavel no avanço contínuo dos Austro-Allemães na frente russa, nem dos Anglo-francezes na península de Gallipoli e no estreito. A sua nullidade n'este último campo de batalha nada tem que nos surprehenda, porque só um

auxílio directo podia n'elle influir; e teve, ao contrário, o inconveniente de restituir á esquadra austríaca, se a occa-
sião a isto se prestar, um poder offensivo que a superiori-
dade naval anglo franceza no Mediterrâneo quasi de todo
arrebatará. Militarmente, pois, a intervenção da Itália na
guerra não realisou, por emquanto, nenhum dos princi-
paes propósitos a que parece ter obedecido. E deu politi-
camente em resultado, na nossa opinião, invocarem Gregos
e Sérvios o princípio de «os *Balkans para os balkânicos*»,
exacto equivalente do «*irredentismo*» italiano, e antecipa-
rem-se a uma ulterior tentativa sua na occupação do inte-
rior e da costa da Albania.

Supponhamos que a Itália não se apressava tanto a
entrar na lucta. Sérvia e Grécia não ousariam provavel-
mente lançar mão d'um território em que ella tem interes-
ses importantes, e cujo destino estava pendente afnda do
voto das Potências. E se ousassem, estas razões, a sua
força terrestre e naval, e a circumstância de gozar de
plena liberdade de movimentos, facilmente lhe consenti-
riam contrarestar-lhes a ambição, se não quizesse mesmo
tomar provisoriamente conta do cubiçado território. En-
tretanto, esperaria o desfecho da campanha da Polónia, e
a sequênciã que dariam ao seu plano de guerra os Austro-
alleães. Fosse qual fosse este plano, ou visasse o Oriente
ou a frente occidental, dissemos já (no opúsculo sobre a
situação militar) tudo levar a crêr que seja decisivo, que
n'elle empenharão os dous Partidos o máximo do seu es-
forço para o ataque e a resistênciã. Se esta nossa previsãõ
é razoavel, quer-nos parecer óbvio que a intromissãõ d'um
novo e forte belligerante no pleito lançaria para um dos
grupos todas as probabilidades da victória; que seria pois

esse para a Itália o momento psychológico de intervir. O modo como, era questão a debater; o que se nos affigura indiscutível é que a sua entrada em scena em tão ancioso minuto revisitaria um valor inestimavel para combatentes fatigados, e talvez já um tanto incrédulos sobre um remate breve e feliz para as suas armas.

Veja-se como, desde maio, os acontecimentos se téem disposto; repare-se na teimosia dos Estados balkánicos em se não intrometterem na questão; attenda-se a que o seu nó está primeiramente em Paris, e depois em Stambul, — e digam-nos se meio milhão de Italianos, pelo menos, levados a França ou ao Oriente não poderiam muito bem desempenhar o clássico papel da espada de Alexandre. Não esqueça observar que a Itália nunca tomaria armas contra a França, por affinidades íntimas e por serviços inolvidaveis na obra da sua unidade e independência, embora os interesses d'ambas tenham por vezes collidido; que a sua actual situação no Levante e no mar Vermelho ficaria do mesmo modo garantida, pelo predomínio que n'essas paragens véem exercendo os Alliados, ou no emtanto não ficaria mais ameaçada do que está n'este momento; que as suas aspirações na Ístria e no Tyrol teriam mais probabilidades de bom éxito, e é certo que não lhe imporiam maiores difficuldades nem despezas do que lhe véem impondo desde maio; que a possibilidade de se installar na Albania, quando quizesse, a tornaria quasi a árbitra da Sérvia e da Grécia nas suas pretenções áquelle território, e lhe daria pois uma influéncia decisiva na attitude dos paízes balkánicos na prosecução do conflicto.

Esta última razão, sobretudo, quer-nos parecer fundamental. A posse da Albania embora só do littoral, seria

um d'estes argumentos *de facto consummado* a que difficilmente se poderia oppôr um veto, e que habeis negociações converteriam n'uma arma preciosa para si e os Alliados.

Apressou-se porém a intervir; e agora—o *facto consummado* continúa a ser um magnífico argumento, mas a valorisar, e não por certo em seu favor, pela Sérvia e a Grécia nas suas interminaveis conversações com a Bulgária e com a Quádrupla; a situação militar nos Dardanellos não accusa progressos que se conte, e ella, apezar d'isso e de se ter visto forçada a entrar tambem em guerra com a Turquia, e ter d'encarar, porisso, a hypóthese d'evacuar, senão as Spóradas, que a frota alliada protege, pelo menos a Tripolitana e a Cyrenaica, não parece estar nas condições de a melhorar; a mesma situação na frente occidental, pelo encerramento próximo provavel da campanha contra a Rússia, não tardará que seja submettida a rude prova se nenhuma complicação sobrevier no Oriente; uma forte pressão austríaca no Veneto, talvez uma invasão declarada, parallelá á offensiva allemã no occidente, podem muito bem paralysal a para uma collaboração, n'este campo decisivo de lucta, que, juntamente com a collaboração ingleza, daria talvez a victória aos Alliados; e, para retoque sombrio do quadro, approxima-se o inverno, Dardanellos e Alpes continuarão intransponiveis, as despezas a embarçarem-lhe as finanças (uns 4:000 contos por dia, segundo informe recente dos jornaes), os balkánicos a não s'entenderem entre si nem, provavelmente, com a Quádrupla e o bloco dos impérios, e a guardarem entre desconfiados e receiosos a mesma attitude neutral, o desfecho, pois, da causa commum a depender quasi só da Providência.

E comtudo toda esta embrulhada, proveniente da expedição aos Dardanellos e da intervenção prematura da Itália, parece que era bem facil de prevêr, até por homens que nunca se propozeram a árbitros do governo das nações. Quando o telégrapho annunciou em novembro pasado (1914) a belligerância da Turquia, esses homens julgaram perceber sem grande esforço que o facto interessaria, desde logo e directamente, a Rússia e os Balkans, ulterior e indirectamente a Itália e a Inglaterra. A Rússia ficava bloqueada, ou pouco menos, para todos os effectos; os Balkans, presos a possiveis complicações locais do conflicto, em especial ao senhorio que viesse a receber Constantinopla; Itália e Inglaterra ameaçadas nas suas possessões effectivas, e na futura prevalência no Mediterrâneo oriental. Para estas Potências perigo immediato não havia; porque os seus domínios insulares (Spóradas e Chypre), prescindindo já da neutralidade, ao tempo, da Itália, garantiam-n'os perfeitamente as suas frotas; e os do continente africano a quasi inacessibilidade do canal do Suez, o exército britânico no Egypto, que seria facil reforçar, e as tropas que á Itália seria tambem facil expedir para a Tripolitana e a Cyrenaica. Risco actual para os dous paízes só o que originassem revoltas simultâneas nos territórios occupados por elles; mas pôde vêr-se em breve que o fanatismo mussulmano não s'inclinava para aventuras, e mais tarde, em princípios de fevereiro, que uma invasão do Egypto pelos Turcos, única maneira de animar á sublevação os *fellahs* e os beduínos, pouco mais era do que um risco imaginário.

Insistamos então em que para elles, como de resto para os baltánicos, não existia nenhum perigo immediato,

e por conseguinte necessidade de precipitar a expedição, pelo menos com o fim de o remover. O único paiz a quem a Turquia desde logo creava múltiplos embaraços, mais económicos ainda porém que militares, era a Rússia; mas esta podia esperar, sem nenhum incomportavel sacrificio para os seus recursos d'uma e d'outra natureza, o resultado da sua poderosa offensiva contra o bloco dos impérios.

Constou pelos jornaes, ha pouco (fins d'agosto), ter affirmado *sir* G. Buchanan, embaixador da Inglaterra em Petrogrado, que fôra a Rússia quem sollicitara a expedição, e haverem sido retiradas para ella tropas da frente occidental. Esta última asserção foi dias depois (em setembro) reproduzida pelo chronista militar do *Times*, censurando o erro e a direcção das operações nos Dardanellos, como se a tivesse em Londres assumido «um curioso», e fôra muito antes desmentida pelo sr. Asquith, que expressamente declarava (no seu discurso de março) «não ter havido, nem haveria, transferencia ou enfraquecimento das forças que s'encontravam na França e na Flandres». Questão que só aos contradictores cabe dirimir. Mas o articulista do *Times* tinha por certo razão quando affirmava que a tentativa, nas condições em que se fez, era «de secundária importância», e fôra além d'isso conduzida inhabilmente. Ainda mesmo que a Rússia a tivesse reclamado, á Inglaterra e á França cumpria vêr mais friamente as circunstâncias, e preparal-a só para o momento em que a pressão austro-allema, iniciada por essa época com resultado duvidoso, se definisse melhor, e sobretudo desenhasse para a sua alliada, como depois desenhou, um perigo sério.

O problema era politicamente complexo; ao tempo

não era talvez insolúvel, todavia. Pôr os Estados balcânicos d'accôrdo, e satisfazer também a Itália nas suas pretensões na Albania não seria tarefa muito simples, nem tam pouco muito rápida. Como porém a acquiescência da Itália ao projecto era o ponto fundamental a conseguir, a certeza para os balcânicos de que nenhuma das suas aspirações defensáveis era cortada por concessões áquelle Estado na Albania, nem compromettida a sua segurança pela conquista da grande cidade oriental, levaria provavelmente ao accôrdo preliminar que se tinha em vista. E possível, provavel mesmo, que não ficasse contente algum d'esses pequenos paizes cubiçosos. Mas o descontente, que, a um exame reflectido do problema, só poderia ser a Grécia ou a Bulgária, não obstaría á conclusão d'um convénio com os tres outros, e é positivo que nunca chegaria a ser militarmente um obstáculo invencível.

A peor hypóthese consistiria em recusarem-se todos á conciliação que se tractava de obter. Mas desde que a recusa não representasse — e era facil conseguil-o — hostilidade aberta e collectiva, a adhesão plena da Itália crêmos bem que bastaria á viabilidade do projecto. A recusa significava um auxilio de menos, quando muito uma hostilidade parcial, da Bulgária ou da Grécia; nem por isso o êxito do plano ficaria prejudicado sem remédio. É preciso não esquecer que o exército italiano estava intacto, que se podia conservar só na defensiva no caso, aliás incerto, de que a declaração de guerra á Turquia chamasse a Áustria-Hungria a terreiro, que a expedição ao Oriente seria acompanhada por uma offensiva vigorosa na frente occidental, e que o plano de campanha não seria, claro, o que o articulista do *Times* aciaava digno só d'um «curioso».

Não queremos por estas palavras dizer que não fosse preferível empregar aquelle exército na frente occidental, uma vez provado que seria n'elle mais efficaz a sua acção, nem tam pouco que fosse irresistivel a sua intervenção no Oriente. Já (no citado opúsculo) insistimos em que o nó do pleito está na França, e que na França continuaria até final se não o tivesse vindo inesperadamente deslocar a expedição aos Dardanellos; e ahi sustentamos tambem que, apesar das enormes vantagens adquiridas por elle na Polónia e na Curlândia, não era segura, ao menos por emquanto, uma victória decisiva do bloco dos impérios.

Queremos dizer só que, a intentar-se aquella expedição, seria indispensavel tranquillisar, quando não fosse possivel celebrar entre elles um accôrdo, os povos dos Balkans sobre as intenções dos Alliados, torna-a simultânea com a declaração de guerra á Turquia pela Itália, e emprehendê-la só no instante em que os effeitos da pressão dos Austro-allemaes na frente oriental não podessem offerecer margem a dúvidas. Julgou-se dever conduzir negociações e operações d'outra maneira; e o resultado tem sido o que todos nós, simples profanos, temos visto. Militarmente, o que se fez não parece accusar oportunidade nem conjuncto. Politicamente, parece ter-se creado inimigos onde se procurava ter amigos. Pelo menos, é o que ha a concluir d'um telegramma de Sofia, com data de 10 de setembro que decorre, noticiando terem os jornaes búlgaros publicado o texto do accôrdo que a Inglaterra, França e Rússia celebraram em Londres, a 22 de dezembro de 1914, acêrca da projectada expedição aos Dardanellos. Eram quatro os seus pontos principaes. São os dous últimos os que interessam na questão: passariam «á soberania da

Rússia» Constantinopla e os Dardanellos; sobre esse accordo guardar-se-hia com os paizes balticos uma «reserva absoluta».

Não acreditamos, por óbvios motivos, na authenticidade d'esse convénio, nem mesmo de todo na veracidade da noticia, que até hoje, 21 de setembro, não vimos confirmada, embora tambem a não a tenhamos visto desmentida. Admittindo que o tenham publicado os jornaes búlgaros, o texto do tal tratado é apócrifho, em parte ao menos, e redigido com certeza no intuito de prejudicar os Alliados. Mas, ainda só como symptoma eloquente da anarchia que lavra entre os balticos, não merecerá alguns momentos d'attenção? Veja-se ainda o texto da nota dirigida em 1 de setembro pela Quádrupla á Bulgária, cuja súmmula consta d'um telegramma de ante-hontem, 20 d'egual mez: os Alliados garantir-lhe-hiam separada e collectivamente os territórios da Macedónia que, pelo tratado de 1912, lhe deviam pertencer, assignando porém um compromisso com elles de declarar a guerra aos Turcos. Ficariam sem effeito essas propostas no caso d'esta Potência não responder n'um curto prazo, que se presume não ir além do fim do citado mez.

Contestar-se-ha, lendo-se estes e outros telegrammas que sobre o caso vêem recentemente affluindo, que o *gá-chis* nos Balkans é completo, e não offerece *agora* muitas probabilidades de receber solução satisfactória?

A Sérvia, por sujeita ás contingências e perigos da guerra, e talvez no intuito de salvaguardar o território albanez onde em junho findo s'installou, ainda parece disposta a condescender a todos os pedidos da Bulgária. A

Rumania, que de todos os balkánicos nos dá a impressão de ser o menos megalomaniaco, não tem nenhuma pretensão territorial aquém Danúbio, e da questão do Oriente só quer saber, em rigor, quem ha de possuir Constantinopla, talvez não oppozesse aos esforços da Quádrupla a menor dificuldade se ficasse plenamente garantida a este respeito. Mas a Grécia, que na sua occupação em junho (1914) do sul da Albania (simultânea com a da Sérvia) só veria a compensação justa do território a ceder na Macedónia, e a Bulgária uma simples restituição n'esta cedência, é que certamente se recusariam a entrar em nova lucta sem que a Quádrupla, além de as tranquillisar tambem sobre o destino a dar a Stambul, lhes pagasse com novas concessões o sacrificio.

Ora, estas concessões, todas territoriaes, onde estão ellas? Evidentemente, na Turquia. Qual garantia lhes poderia offerecer então a Quádrupla de que, no fim da guerra, taes territórios ou ilhas turcos seriam repartidos por ellas, se para os chamar ao seu domínio andava sollicitando o auxilio d'ambas? Omittimos já as concessões a fazer á Rumania, que, não sendo confinante com a Turquia, como a Bulgária, nem mediterrânea e parcialmente insular, como a Grécia, não se vê bem como compensar com algumas ilhas do Egeu. Não seria, outra vez, a história da «pelle do urso», que já evocamos a propósito de possiveis offertas dos Alliados aos Rumenos na Transylvânia ou na Bukovina?

Negociações sobre uma baze tão aleatória concordemos em que téem muito poucas probabilidades de bom éxito. A Quádrupla só lhes pode offerecer o que não tem; em troca d'um serviço positivo, uma compensação problemática. Para tornar de todo inaceitavel o convite — e eis

no que a divulgação do texto, real ou fictício, do tratado entre Inglaterra, França e Rússia, tem valor — deixa os povos balcânicos na ansiosa expectativa do senhorio a quem viria a caber Constantinopla. Para elles, a visinhança do império turco pôde ser desagradavel, mas é clara; poderia talvez mais tarde ser perigosa, mas com certeza muito menos do que na hypóthese do tratado. A Rússia installada na magnífica cidade e nos estreitos seria, ao menos para a Rumania e para a Bulgária, o mais temeroso dos visinhos.

No caso de vencerem a Turquia e o bloco dos impérios — attente-se bem n'isto — o único paiz balcânico que pagaria as custas da victória seria a Sérvia; os outros lucravam, a Bulgária pelo menos, ou não teriam nada que perder. No de vencerem os Alliados, e de ser verídica (como, de resto, não é improvavel) a hypóthese a que o supposto tratado de Londres se refere, Rumania e Bulgária, illaqueadas pelo colosso moscovita, ficariam logo sob a sua estreita dependência, militar e económica; a Grécia teria que ceder o seu logar á Itália na Albania, sem provavel compensação que lhe remunerasse a desistência, e sobretudo renunciar por uma vez á menor velleidade panhellénica; só a Sérvia tiraria da nova situação um lucro positivo e immediato.

Note-se que estamos suppondo nos paizes balcânicos a attitude em que s'encontram ao escrevermos estas linhas. Note-se ainda que nem sequer fazemos allusão ao perigo que ficaria desde logo ameaçando a posição actual no Oriente, em geral no Mediterrâneo, das tres Potências alliadas, sobretudo da Itália e da Inglaterra. Porque, se fossemos examinar a perspectiva, que melhor figurará

n'outro estudo, chegaríamos depressa ao dilemma de que ou o tal tratado é uma anedocta, ou a Inglaterra e a França perderam de todo o sangue-frio.

Como não comprehender, assim, que são perfeitamente legítimas as perplexidades em que se debatem esses povos, e quanto pois lhes deverão ser importunas, e até mesmo irritantes, as sollicitações, d'um ou d'outro grupo, para os arrancar a uma paz de que tanto carecem, e os involver n'um conflicto em que poderiam sossobrar? Desde que elle irrompeu em agosto do anno findo (1914), quatorze mezes pois já decorridos sobre o facto, repare-se em que nenhuma das pequenas nacionalidades da Europa se resolveu de motu próprio a participar-lhe dos proveitos ou dos riscos, apesar das predilecções de cada uma por este ou aquelle belligerante. Neutralidade, completa ou amigavel: tal a attitude que todas ellas assumiram. Todas téem ligado algum interesse, material ou moral, á victória d'um dos grupos; mas perceberam que o duello é de gigantes, e que os pygmeus não téem n'elle que intervir. Como seria então d'esperar que intervissem, a não se lhe desenhar nitidamente o desenlace, povos, por assim dizer, baldeados entre os dous contendores que os illaqueiam, quando o menor passo irreflectido, ou simplesmente extemporáneo, representaria talvez para algum d'elles o exterminio?

Um conflicto collateral entre si, por virtude das dissidências que os separam, não será inverosimil de todo, embora pouco tenha de provavel. Que essa lucha parcial fosse immediatamente aproveitada pelos dous grupos de Potências, constituindo por esta maneira um episodio na lucha geral que vem travada, não pode ser contestado por ninguem. O que dizemos é que a sua coalisção para auxiliar

um dos grupos, que seria naturalmente o aliado, não tem a mínima probabilidade de bom êxito; e mais dizemos que nem Grécia, nem Rumania, nem Bulgária, se resolverão a colaborar activamente com um d'elles, a não se modificarem as condições actuaes do conflicto. Ora, militarmente, são estas conclusões que nos interessam. O outomno está a terminar, e o inverno a começar; os Turcos proseguem resistindo em Gallipoli, e parece disporem ainda d'effectivos bastantes para sustentarem, lá e n'outros pontos, a lucta; os Aliados não parece que modifiquem o seu plano d'ataque aos Dardanellos; os Austro-allemaes poderão, assim, levar tropas da sua frente russa a outra parte.

Negócios que não têm nada de litterários tinham-nos levado a interromper o assumpto d'estas linhas quando nos veio annunciar o telégrapho que a Bulgária decretara a mobilisação geral do seu exército para 25 do mez de setembro que decorre. A noticia parece ter levantado forte borborinho nas Potências aliadas, se, como é muito para supôr, a renovação da offensiva no Artois e na Champagne n'esse mesmo dia 25, com prefácio lisonjeiro, representa a sua réplica á mobilisação noticiada. Tanta celeuma julgamos-a um pouco prematura; nem chegamos mesmo a comprehender como a resolução da Bulgária pudesse significar fosse para quem fosse, particularmente para a diplomacia da Quádrupla, o que se chama o *imprevisto*. O que poderia surprehender é que ella, perante as difficuldades occorrentes na peninsula dos Balkans, não tivesse já mobilisado, pelo menos desde que a Itália se declarou belligerante. Ao observar-se tão extranhavel commoção, dir-se-hia que esta reviravolta apparente lhes

viera transtornar os cálculos, e pôr em risco a sua situação nos Dardanellos.

Se tinham ou não razões sólidas para contar com algum auxilio d'ella, ou no emtanto com a sua neutralidade benévola, ignoramol-o. Quanto a nós, reflectindo sobre o caso, não conseguimos descortinar sólidas razões para o receio que a maioria da imprensa affecta á sua causa descobriu. A Bulgária apressou-se, ao mobilisar o seu exército, a afirmar que não alimentava designio algum d'aggressão contra nenhum dos grupos belligerantes, nem contra qualquer dos seus visinhos. Os Alliados duvidam de que haja n'esses protestos a menor sinceridade; entendemos, ao contrário, haver muito mais do que talvez o próprio governo búlgaro imagine. Quantos homens pode esse pequeno paiz mobilisar? 300:000? Ainda que a Rumania se mantivesse neutral — e esta condição dissemos já ser-lhe precisa á liberdade de movimentos — que poderia a Bulgária intentar com esse exército reduzido contra 400:000 Sérvio-gregos, ou mais talvez, que as Potências alliadas não deixariam de reforçar, sendo preciso?

Objecta-se, na imprensa affeioada a este grupo, que os Austro-allemaes preparam a invasão do território sérvio, e a Bulgária se dispõe a auxiliá-los. Admitta-se que, apesar das vigorosas offensivas nos dous campos de lucta occidentaes e da formidavel resistênciã dos Russos no oriental, aquella presumida invasão está imminente. A primeira pergunta a fazer é: qual o objectivo do bloco dos impérios intentando-a? E a resposta será: promover uma simples diversão que chame á península dos Balkans forças alliadas cuja presença n'aquelles campos de lucta se tenha julgado mais incómoda, ou acabar por uma vez com uma

resistência que lhe immobilisa n'essa frente avultados contingentes de tropas, e lhe cria outros diversos embaraços. No primeiro caso, a mobilisação búlgara visaria apenas a imprimir vulto a um perigo realmente pouco grave; no segundo, vista a extensão da sua fronteira d'esse lado, a prevenir um possível internamento, no seu território, do exército sérvio derrotado ou repellido. Este último seria exactamente o caso da Suíssa, Bélgica e outros paizes confinantes com os territórios onde o recontro é mais acceso, e mais provavel por conseguinte uma violação de neutralidade. O primeiro reduzir-se-hia, afinal, ao d'uma manobra astuciosa, a uma «ficção astuta» (na expressão, que lêmos ha dias, do correspondente do «*Journal*» no quartel general russo) perfeitamente inoffensiva. Porque se deverá então suppôr que o «gesto» búlgaro, para recorrermos a outra expressão muito em voga actualmente, comquanto muito pouco admissivel, significa por força a belligerância decidida em favor do bloco dos impérios?...

Tínhamos já traçado as linhas que se lêem quando um telegramma de Londres, com data de 28 (setembro), as veio muito opportunamente confirmar. N'elle se transmittia a declaração de *sir* E. Grey feita na câmara dos Communs a esse propósito, e que é textualmente como segue: «Sei officialmente que a Bulgária adoptou a situação de neutralidade armada para defender os seus direitos e a sua independência. Emquanto a Bulgária nos não fôr aggressiva, não se dará nenhuma interrupção nas (nossas) relações amigaveis. Se, porém, ella se collocar ao lado dos nossos inimigos, daremos aos nossos amigos dos Balkans todo o nosso auxilio».

Não escreviamos atraz que o governo búlgaro era

mais sincero do que elle próprio talvez imaginasse? De resto, um pouco de reflexão e outro tanto de sangue-frio bastariam a mostrar aos amigos dos Alliados que o seu receio era talvez intempestivo. Emquanto a situação se não fixar, e favoravelmente para elles, na frente russa, os Austro-allemaes não iriam emprender a invasão do paiz sérvio, a não haver aqui um perigo immediato, que só podia ser um avanço imprevisito dos Alliados em Gallipoli e no estreito, ou a intercepção pela Rumania da passagem de munições e outro material de guerra para os Turcos. Mas, por'ora ao menos, não consta que um d'estes perigos ameace. E não se dando essa invasão julgada imminente por pessoas demasiado assustadas, evidente se torna que a Bulgária não ia concitar levemente contra si, além dos seus inimigos de ha dous annos, as cóleras e as forças das Potências alliadas. D'outro modo, seria o caso de dizer que se mettia a prégar um sermão que ninguem lh'encommendara, e que ninguem lamentaria pois a retribuição que recebesse. Voltamos a insistir no que, por mais d'uma vez, temos affirmado: a situação d'esses pequenos povos dos Balkans não lhes permite embarcar-se em aventuras; não s'intendem entre si, nem, á excepção da Sérvia preza á sorte dos Alliados, com qualquer dos grandes grupos de Potências que se batem; a sua attitude está condicionada estreitamente pelo rumo que vierem a assumir os acontecimentos militares, na França e nos Dardanellos sobretudo; mas, a serem arrastadas para a torrente, é provavel que a Grécia alinhe com a Quádrupla, a Bulgária e a Rumania com o bloco dos impérios.

Além das razões expendidas para justificar estas previsões, novos factos vieram ainda reforçal-as. O convénio

turco-búlgaro, de que ha dous mezes nos fallava o telégrapho, ora garantindo-lhe a existência ora negando-lh'a, foi enfim sancionado pelos governos dos dous povos. Quaes as suas estipulações não o sabemos. Sabemos, no emtanto, que a Turquia cedeu á Bulgária determinados territórios da sua fronteira na Europa, por certo a margem direita do Maritza com a linha férrea que a segue. Ignoramos tambem se a entrega d'elles, feita ha dias na presença de commissários búlgaros e turcos, abrangeu a sua totalidade ou uma porção apenas dos que a Bulgária desejava, ficando a outra para lhe ser devolvida quando a guerra terminar. O que podemos, porém, ter por seguro é que o bloco dos impérios facilitou a transacção e serviu de fiador ao cumprimento integral do que n'esse convénio s'estipulou, por conseguinte de que a futura neutralidade, pelo menos, da Bulgária para com elle e a Turquia ficou claramente expressa e garantida. Objectar-se-ha talvez que a cedência foi o prémio só da neutralidade mantida por ella até á data, deixando-lhe a liberdade plena de movimentos para o futuro. Pouco provavel o que os telegrammas diziam a esse respeito. A liberdade a que se alludia n'elles nunca poderia ser absoluta, a não se admittir que os negociadores turcos e austro-allemaes eram d'uma insensatez ou d'uma ingenuidade sem limites. As concessões feitas é positivo qu'enfraquecem d'esse lado a fronteira da Turquia, e que seria pois um cúmulo não exigir da Bulgária, como prova elementar d'equidade e boa fé, que não aggreddisse, nem se associasse a quem se propozesse aggreddir, sequer ao menos essa zona do território turco sem defeza.

O outro factó, confirmativo do que acabamos de dizer,

é a desistência da Quádrupla de concitar a Bulgária contra os Turcos, substituindo-lhe a proposta de se oppôr á passagem atravez do seu território de forças austro-alle mãs, e de a franquear a um exército russo que os atacaria pela Europa. Era uma neutralidade complacente só, e a troca da devolução, no fim da guerra, dos territórios que pelo tratado de 1912 lhe deviam pertencer, o que exigia da Bulgária. Pois nem isto, que se diria ser para ella um bom negócio, a Bulgária concedeu. Tão obstinada recusa em comprar a pedidos e offertas da Quádrupla, que toda a gente não hesitaria em qualificar de vantajosas, não a podem explicar, segundo crêmos, senão o propósito de se manter n'uma neutralidade que já dissemos convir-lhe, como não menos convem á Grécia e á Rumania, e sobretudo o erro enorme (infelizmente não desmentido até hoje) de se pretender com a expedição aos Dardanellos entregar Constantinopla á soberania moscovita. É um erro de tal ordem que ainda nos eusta a acreditar que a Inglaterra e a França o commettessem. Se a Quádrupla se não apressa a desmentil-o, pode ter a certeza antecipada—se mostrar um pouco mais de habilidade e previsão, que aã da sua, a diplomacia do bloco dos impérios—de que a Sérvia será um paiz sacrificado, de que nem Itália nem Grécia lhe impedirão a sua ruina, e de que a expedição aos Dardanellos liquidará por um desastre. E o curioso é que este lastimavel defecho d'uma concepção, politica e militar, defeituosa da «questão do Oriente» pode perfeitamente sobrevir sem que a Bulgária tenha de romper a neutralidade armada a que *sir* E. Grey se referiu. Basta para isso, que a campanha da Rússia, como é provavel, tenha remate breve e feliz para o bloco dos impérios, e que volte a estacionar—hypó-

these que nada tem d'inverosimil—a situação dos belligerantes nas duas frentes de batalha, a italiana e a franceza. Notícias ulteriores dirão se estamos apreciando correctamente o que vem passando na península dos Balkans. Por'ora—queremos dizer, enquanto se não realise a invasão da Sérvia, ultimamente annunciada—tudo leva a presumir que a attitude d'essas pequenas nações continue sem modificação alguma d'importância, relativamente umas ás outras e aos dous grupos em conflicto. Muito diversa, porém, será talvez se, finda a campanha da Rússia, houver uma offensiva austro-allema no occidente, e os Alliados tiverem a boa sorte de a frustrar (ou nos Balkans, é evidente, e não a conseguirem conter logo).

*

* *

11 de janeiro de 1916: deu-se a hypóthese formulada a pg. 102 do nosso opúsculo *A situação militar europeia*, e a que alludimos nas palavras que precedem. Realisou-se pois o que era de prevêr: Sérvia esmagada; Bulgária associada intimamente ao bloco dos impérios; Rumania garantindo-lhe com a sua abstenção a liberdade de movimentos; Grécia, que poderia interferir se outra fosse a decisão dos Alliados, mantendo a mesma neutralidade rigorosa; Albania e Montenegro ameaçados pelo invasor, e em breve por este completamente reduzidos; Alliados em Salónica na véspera muito provavelmente de serem ou aprisionados ou expulsos; e Gallipoli já de todo evacuada. No entretanto: offensiva franceza, nos últimos dias de setembro, gorada; gorada identicamente offensiva italiana no Isonzo;

por egual sem éxito diversas contra-offensivas russas na Curlândia e, ha poucos dias, na Galicia do sul e na Bukovina, com perdas que se calculam em 40:000 soldados. O leitor recordará o que n'aquelle opúsculo escrevemos, e o que em diversas passagens d'este sustentamos.

Com a evacuação dos Dardanellos e o cheque dos Balkans, os Alliados perderam, segundo pensamos, a melhor carta do seu jogo. A sua situação, que já tínhamos affirmado não ser boa em fins d'agosto, peiorou, sobretudo reflectindo-se na crise, ou antes, na revolução — a maior que a sua história regista desde 1640 — por que vem passando a Inglaterra, e em que os impérios centraes parece haverem desistido do projecto sobre Paris, e deliberado resolver indirectamente, pelo deslocamento do principal theatro da lucta, o problema militar. Serão bem succedidos no plano? Não terão os Alliados ainda algum meio de vencer, ou pelo menos de tornar indeciso o resultado? Eis o que será debatido n'outro opúsculo, *Campanha e questão do Oriente*, complementar do *Nó dos Balkans*, que, á parte leves correcções de forma ou de factos e o parêntesis final, vai tal qual o havíamos propositalmente interrompido ao findar setembro último, á espera do que fariam os Austro-allemaes após a campanha da Polónia.

P. S. — Este opúsculo devia ter sahido, o mais tardar, em dezembro. Contamos fazer sahir com menor intervallo os seguintes.

APPÊNDICE

Nota da Áustria-Hungria á Sérvia

O Governo imperial e real viu-se obrigado a endereçar em 23 de julho, por intermédio do ministro imperial e real em Belgrado, a seguinte nota ao Governo real da Sérvia:

«Em 31 de março de 1909 o ministro da Sérvia em Vienna fez, por ordem do seu Governo, ao Governo imperial e real a seguinte declaração:

— «A Sérvia reconhece que os seus direitos não foram lesado, pelo *facto consummado* relativo á Bósnia, e por conseguinte conformar-se ha com as decisões que as Potências possam tomar de conformidade com o artigo 25 do tratado de Berlim. Remettendo-se aos conselhos das grandes Potências, a Sérvia compromette-se desde já a abandonar a attitude de protesto e de opposição que adoptou com respeito á annexação ⁽¹⁾ desde o outomno próximo passado. Compromette-se, além d'isso, a modificar a orientação da sua politica com respeito á Austria-Hungria, e a conviver para o futuro em termos de boa vizinhança com esta.» —

«A história dos últimos annos, especialmente os dolorosos acontecimentos de 28 de junho próximo passado demonstraram a existência d'um movimento subversivo tendo por fim desligar da monarchia austro-húngara uma parte dos seus territórios. Este movimento, que nasceu debaixo dos olhos do Governo sérvio, chegou a manifes-

(1) Subentende-se da Bósnia e da Herzegovina, até á data apenas occupadas pela Áustria-Hungria desde 1878.

tar-se dos dous lados da fronteira sérvia sob a fôrma de actos de terrorismo, e d'uma série de ultrajes e de assassinatos.

«Longe de satisfazer os compromissos formaes contidos na declaração de 31 de março de 1909, o Governo real da Sérvia não tem feito nada para reprimir estes movimentos. Tem permittido as tramas criminosas de várias sociedades e associações dirigidas contra a monarchia, e tem tolerado propósitos desenfreados por parte da imprensa, a glorificação dos perpetradores de ultrajes, e a participação de officiaes e funcionarios n'uma agitação subversiva, permittindo ao mesmo tempo uma propaganda doentia na instrucção pública. Em poucas palavras: permittiu todas as manifestações de natureza a despertar na população sérvia o ódio da monarchia e o desprezo das suas instituições.

«Esta culposa tolerância por parte do Governo da Sérvia ainda não tinha descontinuado no momento em que os acontecimentos de 28 de junho próximo passado vieram dar provas das suas fataes consequências ao mundo inteiro.

«Consta dos documentos e confissões dos perpetradores criminosos do ultraje de 28 de junho que os assassinatos de Serajevo foram planeados em Belgrado, que as armas e substâncias explosivas, de que se achavam abastecidos os assassinos, lhes tinham sido dadas por officiaes sérvios e funcionarios pertencentes á Narodna Odbrana, e finalmente que os chefes de serviço na fronteira da Sérvia organisaram e effectuaram a passagem para a Bósnia dos criminosos e das suas armas.

«Os resultados acima mencionados da inquirição feita pelos magistrados não permitem que o Governo austro-húngaro continue na sua attitude de paciência expectante, que manteve durante muitos annos, em face das intrigas urdidas em Belgrado e d'aqui espalhadas pelos territórios da monarchia. Esses resultados, ao contrário, impõem lhe o dever de pôr termo ás intrigas que constituem uma ameaça perpétua contra a tranquillidade da monarchia.

«Para conseguir este fim, o Governo imperial e real vê-se obrigado a exigir do Governo real da Sérvia uma garantia formal de que condemna esta perigosa propaganda contra a monarchia, por outras palavras, toda a série de tendências cujo último alvo é o desligar da monarchia territórios que lhe pertencem; e que se compromette a supprimir por todos os meios esta propaganda criminosa e terrorista.

«Para dar um caracter formal a este compromisso, o

Governo real da Sérvia publicará na primeira página do seu «Jornal Official» de 26 de julho (13 de julho ⁽¹⁾) a seguinte declaração:

— «O Governo real sérvio condemna a propaganda dirigida contra a Austria-Hungria, isto é, a tendência geral cujo alvo final é o desligar da monarchia austro-húngara territórios a esta pertencentes, e deplora sinceramente as consequências fataes d'estes procedimentos criminosos

«O Governo real sente que officiaes e funcionarios sérvios tenham tomado parte na propaganda acima mencionada, compromettendo assim as relações de boa vizinhança, ás quaes se achava solememente obrigado pela sua declaração de 31 de março de 1909.

«O Governo real, que desaprova e rejeita qualquer ideia de intervenção, ou tentativa de intervenção no destino dos habitantes de qualquer parte da Austria-Hungria, julga do seu dever prevenir os officiaes, funcionarios e toda a população do reino de que d'ora em diante procederá com o maior rigor contra as pessoas que se tornem celpadas por taes intrigas, em precaver e supprimir as quaes empregará todos os seus esforços.»—

«Esta declaração será simultaneamente communicada ao exército sob a fórma d'uma ordem do dia por Sua Magestade o Rei, e será publicada no «Boletim official» do exército.

«Além d'isso, o Governo real sérvio compromette-se:

«1. A supprimir qualquer publicação que alente o ódio e o desprezo da monarchia austro-húngara, e cuja tendência geral seja dirigida contra a integridade territorial d'ella;

«2. A dissolver immediatamente a sociedade intitulada «Narodna Odbrana», a confiscar todos os seus meios de propaganda, e a proceder do mesmo modo contra outras sociedades e suas filiaes na Sérvia que se occupam da propaganda contra a monarchia austro-húngara. O Governo real fará o necessário para evitar que as sociedades dissolvidas continuem a sua actividade sob outro nome e forma;

«3. A eliminar sem demora da instrucção pública da Sérvia, não só com respeito ao corpo de instructores mas também com respeito aos métodos de instrucção, tudo quanto sirva ou possa servir para alentar a propaganda contra a Austria-Hungria;

(1) No calendário em uso nos povos que professam a religião orthodoxa.

*4. A remover do serviço militar e da administração em geral todos os officiaes e funcçionários réus de propaganda contra a monarchia austro-húngara, cujos nomes e actos o Governo austro-húngaro se reserva o direito de communicar ao Governo real;

*5. A aceitar a collaboração na Sérvia de representantes do Governo austro-húngaro para a suppressão do movimento subversivo contra a integridade territorial da monarchia;

*6. A proceder judicialmente contra os cúmplices da conspiração de 28 de junho que se acham em território sérvio. Delegados do Governo austro-húngaro serão admitidos a tomar parte na relativa investigação;

*7. A proceder sem demora á prisao do Major Voiija Tankositch e do individuo chamado Milan Ciganovitch, empregado d'Estado sérvio, que se acham comprometidos pelos resultados da inquirição judicial em Serajevo;

*8. A impedir effectivamente a cooperação das auctoridades sérvias no commercio illicito de armas e matérias explosivas atravez da fronteira, a demittir e castigar severamente os officiaes de serviço de fronteira em Schabatz e Loznica culpados por terem ajudado os perpetradores do crime de Serajevo facilitando-lhes a passagem da fronteira;

*9. A fornecer ao Governo imperial e real explicações com respeito ás palavras injustificaveis proferidas na Sérvia e fóra (da Sérvia) por altos funcçionários, que não hesitaram, não obstante a sua posição official, e depois do crime de 28 de junho, em sustentar em entrevistas opiniões hostis ao Governo austro-húngaro; e, finalmente,

*10. A notificar sem demora ao Governo imperial e real a execução das medidas inclusas nos artigos preecedentes.

«O Governo austro-húngaro espera receber a resposta do Governo real o mais tardar ás 6 horas da tarde de sabbado, 25 de julho.

«Um *memorandum*, tratando dos resultados da inquirição judicial em Serajevo com respeito aos officiaes mencionados nos artigos (7) e (8), vai com esta nota».

Tenho a honra de pedir a V. Ex.^{cia} para levar o conteúdo d'esta nota ao conhecimento do Governo junto do qual V. Ex.^{cia} se acha acreditado; juntando V. Ex.^{cia} á sua communicação as seguintes observações:

Em 31 de março de 1909 o Governo real sérvio endereçou á Austria-Hungria a declaração cujo texto se acha reproduzido acima.

Logo no dia seguinte a esta declaração, a Sérvia en-
cetou uma política tendo por fim inspirar ideias revolucio-
nárias aos súbditos sérvios da monarchia austro-húngara,
preparando assim a separação do território austro hún-
garo que se acha na fronteira sérvia.

A Sérvia tornou-se o centro de uma agitação crimi-
nosa.

Sem perda de tempo formaram-se sociedades e grupos
cujo fim, ou declarado ou secreto, era levantar desordens
em território austro-húngaro. Estas sociedades e grupos
contam, entre os seus membros, generaes e diplomatas,
empregados do Governo e juizes — n'uma palavra, as mais
altas personalidades do mundo official e não official do
reino.

Esta propaganda, que dispõe de quasi todos os jor-
naes sérvios, é dirigida contra a Áustria-Hungria, não se
passando um dia sem que os orgãos da imprensa sérvia
despertem nos seus leitores o ódio e o desprezo da mo-
narchia visinha, ou os excitem a commetterem ultrajes di-
rigidos, mais ou menos abertamente, contra a sua seguran-
ça e integridade.

Um grande numero de agentes proseguem por todos
os meios a agitação contra a Áustria-Hungria, e corrom-
pem a mocidade das provincias fronteiriças.

Desde a crise recente nos Balkans tem havido uma
recrudescência do espirito conspirante próprio dos homens
políticos sérvios, espirito que deixou tão cruentos vestígios
na história do reino. Individuos que antigamente pertenciam
aos bandos empregados na Macedónia vieram pôr-se
á disposição da propaganda terrorista contra a Áustria-
Hungria.

Na presença d'estes actos aos quaes a Áustria-Hun-
gria se tem visto exposta por muitos annos, o Governo da
Sérvia não julgou que lhe incumbisse dar o mínimo passo.
Faltou pois o Governo sérvio ao dever que lhe era imposto
pela declaração solemne de 31 de março de 1909, portan-
do-se de modo contrário á vontade da Europa e ao com-
promisso tomado (por elle) para com a Áustria Hungria.

A paciência do Governo imperial e real perante a
attitude provocadora da Sérvia tem sido inspirada pelo
desinteresse territorial da monarchia austro-húngara, e
pela esperança de que o Governo sérvio acabasse, apesar
de tudo, por apreciar o valor real da amizade da Áustria-
Hungria.

O Governo imperial e real, pela sua attitude benévola
para com os interesses políticos da Sérvia, esperava que o

reino se decidisse finalmente a governar-se (comportar-se) de modo análogo. Em particular, a Áustria-Hungria esperava um desenvolvimento d'este género (n'este sentido) nas ideias politicas da Sérvia, visto haver o Governo imperial e real, pela sua attitudo desinteressada e de boa-vontade depois dos acontecimentos de 1912, tornado possível um engrandecimento tão consideravel da Sérvia.

A boa vontade que a Áustria-Hungria mostrou ao Estado visinho não teve effeito algum estorvador sobre o procedimento do reino, o qual continuou a tolerar no seu território a propaganda cujas consequências fataes foram demonstradas ao mundo inteiro em 28 de junho próximo passado, quando o herdeiro presumptivo da monarchia e sua illustre esposa foram victimas de uma conspiração urdida em Belgrado.

Em presença d'este estado de cousas, o Governo imperial e real vê-se obrigado a dar novos e urgentes passos em Belgrado com o fim de persuadir o Governo sérvio a pôr termo ao movimento incendiário que ameaça a segurança e integridade da monarchia austro-húngara.

O Governo imperial e real está convencido de que, dando este passo, se achará inteiramente de accôrdo com os sentimentos de todas as nações civilisadas, que não podem admittir que o regicídio se torne arma que se possa empregar impunemente nas luctas politicas, e que a paz da Europa seja continuamente perturbada por movimentos tendo a sua origem em Belgrado.

Em apoio do acima exposto, o Governo imperial e real conserva á disposição do Governo britânico um *dossier* illucidando as intrigas da Sérvia, e a connexão entre estas intrigas e o assassinato de 28 de junho.

Uma communicação idêntica foi endereçada aos representantes imperiaes e reaes acreditados junto das outras Potências signatárias.

V. Ex.^{cia} é auctorizado a deixar uma cópia d'este despacho nas mãos do ministro dos negócios estrangeiros.— Vienna, 24 de julho, 1914.

ANNEXO

A inquirição criminal aberta pelo tribunal de Serajevo contra Gavrilo Princip e seus cúmplices no caso do assassinio commettido por elles em 28 de junho próximo passado resultou até agora nas seguintes conclusões:

1. A conspiração tendo por fim o assassinato do archiduque Franz Ferdinand na época da sua visita a Serajevo foi formada em Belgrado por Gavriilo Princip, Nedeljko Cabrinovic, um certo Milan Ciganovic e Trifsko Grabez com o auxilio do commandante Voija Tankosic.

2. As seis bombas, as quatro pistolas Browning e as munições com as quaes os réus commetteram o acto, foram entregues a Princip, Cabrinovic e Gabrez pelo individuo Milan Ciganovic e pelo commandante Voija Tankosic em Belgrado.

3. As bombas são granadas de mão, vindas do depósito de armas do exército sérvio em Kragujevac.

4. Com o fim de garantir o bom éxito do attentado, o Ciganovic ensinou a Princip, Cabrinovic e Gabrez como se deviam servir das bombas, e deu lições do uso das pistolas Browning a Princip e a Gabrez n'um bosque perto do campo d'exercício de tiro em Topschider.

5. Para que Princip, Cabrinovic e Gabrez pudessem atravessar a fronteira da Bósnia-Herzegovina e passar as suas armas de contrabando secretamente, foi organizado um serviço secreto de transporte por Ciganovic.

D'este modo a introdução na Bósnia-Herzegovina dos criminosos e das suas armas foi effectuada por officiaes que superintendiam na fronteira em Chabac (Rade Popovic) e em Loznica, assim como pelo official da alfandega Rudivoj Grbic, de Loznica, com o auxilio de vários individuos.

(*Correspondência do Governo britânico*, Documento n.º 4).

Nota da Sérvia á Áustria-Hungria

O Governo real da Sérvia recebeu a comunicação do Governo imperial e real do dia 10 do corrente, e está convencido de que a sua resposta removerá qualquer desintelligência que ameace prejudicar as relações de boas vizinhas entre a monarchia austro-húngara e o reino da Sérvia.

Scientes do (Assente o?) facto de que os protestos que foram feitos não só da tribuna da Skupshtina nacional, mas também pelas declarações e actos de representantes respon-

saveis do Estado — protestos a que se pôz termo com as declarações feitas pelo Governo sérvio em 18 (31) de março de 1909 — não téem sido renovados em nenhuma occasião com respeito á grande monarchia visinha, e de que não tem havido tentativas desde esse tempo, seja por parte dos successivos Governos reaes ou pelos seus órgãos, tendo por fim transformar o estado politico e legal motivado (estabelecido) na Bósnia e na Herzegovina, o Governo real chama a attenção para o facto de que, a este respeito, o Governo imperial e real não tem feito reclamação alguma, com excepção d'uma concernente a um livro d'escola, e n'essa occasião o Governo imperial e real recebeu uma explicação plenamente satisfactória. A Sérvia tem por várias vezes dado provas da sua politica pacifica e moderadora durante a crise dos Balkans; e foi graças á Sérvia e aos sacrificios que tem feito no interesse exclusivo da paz da Europa que esta paz se manteve. O Governo real não se pode considerar responsavel por manifestações de caracter particular, taes como artigos da imprensa e a obra pacifica de associações — manifestações estas que se dão communmente em quasi todos os paizes, e que, em geral, fogem á auctoridade official. O Governo real ainda menos é responsavel á vista do facto de que, quando se resolveram uma série de questões que se tinham levantado entre a Sérvia e a Áustria-Hungria, deu provas do seu desejo de agradar, chegando assim a ajustar a maioria d'estas questões com vantagem dos dous paizes visinhos.

Por estes motivos, o Governo real tem-se visto afflicto e surpreso pelas asseverações segundo as quaes se suppõe que membros do reino da Sérvia tomavam parte nos preparativos para o crime cominettido em Serajevo; o Governo real aguardava ser convidado a collaborar n'uma investigação de tudo quanto tocasse a este crime, e estava prompto, com o fim de dar provas de perfeita correcção na sua attitude, a tomar medidas contra todas as pessoas com respeito ás quaes se lhe fizessem reclamações. Conformando-se pois com os desejos do Governo imperial e real, está prompto a entregar, para ser julgado, qualquer súbdito sérvio, sem respeito á sua posição ou dignidade, de cuja cumplicidade no crime de Serajevo haja provas apparentes; e mais especialmente se compromette a fazer publicar na primeira página do «Jornal Official» em data de 13 (26) de julho a seguinte declaração:

— «O Governo real sérvio condemna toda e qualquer propaganda que possa ser dirigida contra a Áustria-Hungria, isto é, todas as tendências tendo por alvo final desli-

gar da monarchia austro-húngara territórios que d'ella fazem parte, e deplora sinceramente as consequências desastrosas d'estes movimentos criminosos. O Governo real sente que, segundo a comunicação do Governo imperial e real, certos officiaes do exército e outros officiaes (funcionários?) tenham tomado parte na propaganda acima mencionada, compromettendo assim as relações de boa vizinha ás quaes o Governo real sérvio se achava solemnemente obrigado pela declaração de 18 (31) de março de 1909, declaração que desapprova e rejeita toda e qualquer ideia, ou tentativa de ingerência no destino dos habitantes de toda e qualquer parte da Áustria-Hungria, e considera do seu dever prevenir formalmente os officiaes do exército, os outros officiaes (funcionários?) e toda a população do reino de que, d'aqui em diante, dará os mais rigorosos passos contra todas as pessoas que se tornem culpadas de taes actos, para reprimir e evitar os quaes se esforçará por todos os meios possiveis.»

Sua Alteza Real o príncipe herdeiro Alexandre, em nome de Sua Magestade o rei, fará conhecer esta declaração ao exército real n'uma ordem do dia, e a fará publicar no próximo boletim official do exército.

Além d'isso, o Governo real compromette-se:

1. A introduzir nas leis da imprensa durante a primeira sessão regular da Skupichina uma cláusula impondo o mais rigoroso castigo a qualquer incitação ao ódio ou desprezo da monarchia austro-húngara, e dando poderes para se proceder contra qualquer publicação cuja tendência geral se dirigida contra a integridade territorial da Áustria-Hungria. O Governo compromette-se a apresentar na próxima revisão da constituição uma emenda no artigo 22, de natureza tal que a dita publicação possa ser confiscada, procedimento que actualmente é impossivel visto os termos cathegóricos do artigo citado.

2. O Governo não possui prova alguma, nem semelhante prova lhe é fornecida pela nota do Governo imperial e real, de que a «Narodna Odbrana» e outras associações semelhantes tenham commettido até hoje qualquer acto criminoso d'esta natureza por meio dos procedimentos (maneios?) de qualquer dos seus membros. Não obstante, o Governo real annuirá ao pedido do Governo imperial e real, e dissolverá a associação «Narodna Odbrana» e toda e qualquer outra associação que esteja dirigindo os seus esforços contra a Áustria-Hungria.

3. O Governo real sérvio compromette-se a remover sem demora dos seus estabelecimentos públicos d'educa-

ção na Sérvia tudo quanto sirva ou possa servir para alentar a propaganda contra a Austria Hungria, seja quando fôr que o Governo imperial e real lhe forneça provas e factos com respeito a esta propaganda.

4. O Governo real tambem concorda em remover do serviço militar todas as pessoas que a inquirição judicial provar serem culpadas por actos dirigidos contra a integridade do território da monarchia austro-húngara, e aguarda que o Governo imperial e real lhe communique mais tarde os nomes e actos d'estes officiaes com o fim de proceder judicialmente contra elles.

5. O Governo real deve confessar que não comprehendê bem a significação e o alcance do pedido feito pelo Governo imperial e real, a saber, que a Sérvia se obrigue a aceitar a collaboração dos órgãos do Governo imperial e real no seu território; mas declara que admittirá qual-quer collaboração que estiver de accôrdo com os principios do direito internacional, dos processos criminaes e das relações de boas visinhas.

6. Inutil dizer que o Governo real considera do seu dever abrir uma inquirição contra todas as pessoas que se achem involvidas, ou que venham a ser involvidas no trama de 15 (28) de junho, e que se possam encontrar dentro do território do reino. No que toca á participação n'esta inquirição de agentes ou auctoridades austro-húngaras nomeados para este fim pelo Governo imperial e real, o Governo real não pode aceitar similhante arranjo, visto ser uma violação da constituição e da lei dos processos criminaes; não obstante, em casos concretos poderiam fazer-se communicações, com respeito aos resultados da investigação de que se tracta, aos agentes austro-húngaros.

7. O Governo real, na mesma noite em que recebeu a nota, procedeu á prisão do commandante Voislav Tankositch. Com respeito a Milan Ciganovitch, que é súbdito da monarchia austro-húngara, e que até 15 (28) de junho era empregado (sujeito á approvação) da direcção das vias férreas, ainda não foi possível prendel-o.

Pede-se ao Governo austro-húngaro para ter a bondade de fornecer o mais cêdo possível, sob a fórma do costume, as provas presumptivas da culpabilidade, assim como as provas eventuaes de culpabilidade que tenham sido colligidas até aqui na inquirição de Serajevo, para os fins da inquirição que deve ter logar mais tarde.

8. O Governo sérvio reforçará e estenderá as medidas que se tomaram para impedir o commércio illicito de armas e matérias explosivas atravez da fronteira. Inutil

dizer que dará ordens immediatas para que se faça uma inquirição, e que castigará severamente os officiaes da fronteira na linha Schabatz-Loznitza que faltaram ao seu dever e deixaram que os auctores do crime de Serajevo passassem a fronteira.

9. O Governo real terá prazer em dar explicações das observaões feitas pelos seus empregados, seja na Sérvia seja no estrangeiro, em entrevistas depois do crime e que, segundo a asseveração do Governo imperial e real, eram de character hostile á monarchia, logo que o Governo imperial e real lhe tiver communicado os trechos de que se tracta n'essas observaões, e logo que lhe tiver demonstrado que as observaões foram actualmente feitas pelos ditos empregados, embora o Governo real mesmo dê passos para colligir testemunho e provas.

10. O Governo real informará o Governo imperial e real da execução das medidas comprehendidas debaixo dos artigos aqui acima (enumerados) nos casos em que já não o tenha feito pela presente nota, apenas se tiverem dado ordens para cada medida, e tiver sido executada a dita medida.

Se o Governo imperial e real não se achar satisfeito com esta resposta, o Governo sérvio, considerando que não é do interesse commum precipitar a solução d'esta questão, está prompto, como sempre, a acceitar um accôrdo pacifico, ou seja deferindo esta questão á decisão do Tribunal internacional da Haya, ou ás grandes Potências que tomaram parte na redacção da declaração feita pelo Governo sérvio em 18 (31) de março de 1909. — Belgrado, 12 (25) de julho de 1914.

(*Ibid.*, Doc. n.º 38).

SUMMÁRIO

Sérvia, 4 a 12 — As restantes nações do Balkans, 12 a 15; Rumania, 15 a 20; Bulgária, 20 a 27; Grécia, 27 a 32 — Temperamento balkánico, 32 a 38 — Sérvia e Grécia na Albania, 38 a 44 — Cooperação rumeno-búlgara, Liga balkánica, 44 a 48 — Resumo da situação nos Balkans, 48 e 49.

Notícias cahóticas, 49 a 55 — Hypóteses improváveis, 55 a 61 — Diferenças e desaccôrdo entre os balkánicos, 61 a 67 — Belligerância inoportuna da Itália, 67 a 72 — A expedição aos Dardanellos, 73 a 77 — Convénio anglo-franco-russo relativo a Constantinopla e aos estreitos, 77 a 81 — A mobilisação búlgara, 81 a 88.

Appêndice, 89 e seg.

EMENDAS

pag.	lin.	
16	24	Hohenzollern
19	17	arcar com todos
35	5	o Turco e o Russo
47	22	Albania, se os
64	5	pelas <i>Raias</i>
77	7	a não tenhamos
79	21	acquisição que

O leitor corrigirá pequenos erros de caixa.

LIVRARIA MOREIRA - Editora

42, Praça da Liberdade, 44 — PORTO

Viticultura Pratica Portuguesa (2. ^a edição), por <i>M. Rodrigues de Moraes</i> . 1 vol. illustrado com 144 gravuras.	370
Tratado Pratico de Vinificação (2. ^a edição), por <i>M. Rodrigues de Moraes</i> . 1 vol. illustrado com 75 gravuras	370
Cabral, Venus geradora , versão de <i>Annibal Passos</i> . 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
Christã , por <i>Kraszewski</i> , versão de <i>Annibal Passos</i> . 1 vol.	\$50
A Morte dos Deuses , por <i>Dmitry de Merejkowsky</i> , versão de <i>Annibal Passos</i> . 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
Versos da Mocidade (2. ^a edição), por <i>Antonio Fogaça</i> . 1 vol.	\$50
D. Affonso VI (Bosquejos de pathologia historica), por <i>Pinto Ribeiro</i> . 1 folheto	\$15
O Eucoberto , por <i>José Sampaio (Bruno)</i> . 1 vol.	\$70
Que é o Socialismo? , versão de <i>Thomé de Jesus</i>	\$10

BASILIO TELLES

Opusculos já publicados:

PRIMEIRO: I — Ditadura; II — Regimen Revolucionario . 1 vol. (esgotado).	
SEGUNDO: III — A Constituição; IV — Finanças . 1 vol.	\$10
TERCEIRO: V — A Questão religiosa . 1 vol.	\$15
A situação militar Europeia	\$20